

# RAÍZES & ROTAS

CUBATÃO EM  
TRANSFORMAÇÃO

---

O NOVO CAMINHO  
DA CULTURA E DA  
NATUREZA







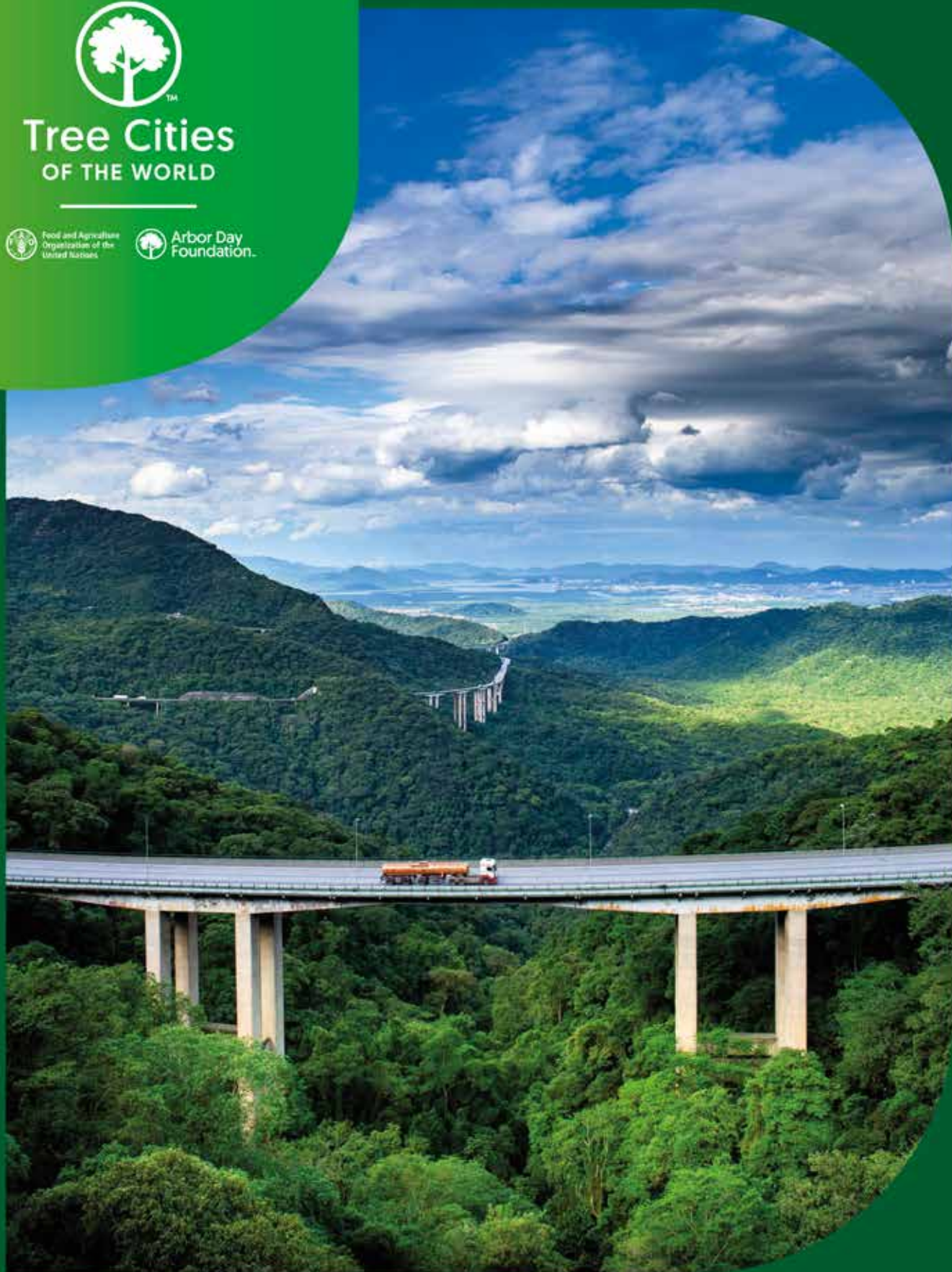
Tree Cities  
OF THE WORLD



Food and Agriculture  
Organization of the  
United Nations



Arbor Day  
Foundation



# Cubatão agora é Cidade Verde do Mundo

As nossas raízes estão cada vez mais sustentáveis

Cubatão agora é uma das 34 cidades brasileiras reconhecidas pela ONU com o Tree Cities of the World, que fazem o manejo sustentável de florestas e árvores urbanas e compartilham o processo com outras cidades e pessoas ao redor do mundo.

A sustentabilidade avança com o Plano de Arborização, compensações ecológicas e novos projetos na Vila Esperança, Vila dos Pescadores e Ilha Caraguatá.

# Cubatão is now a Tree Cities of the World

Our roots are becoming even more sustainable

Cubatão is now one of 34 Brazilian cities recognized by the UN as Tree Cities of the World, which help manage urban forests and trees sustainably while sharing this process with other cities and people around the world.

Sustainability continues to advance with the Afforestation Plan, ecological compensations, and new projects in Vila Esperança, Vila dos Pescadores, and Ilha Caraguatá.



PREFEITURA DE  
**Cubatão**



# SALVE, RAINHA DAS SERRAS!

É com grande alegria que celebramos a presença de Cubatão nas páginas da revista Raízes & Rotas, publicação que valoriza nossa memória, nosso território e as rotas históricas que ajudaram a construir o Brasil. Para nós, é motivo de orgulho ver nossa cidade reconhecida pelo que sempre foi: um ponto de encontro entre natureza, história, cultura e futuro.

Entre os tesouros apresentados na revista, destaca-se o Caminhos do Mar, situado grande parte em território cubatense e recortando a imponente Serra do Mar. Este percurso, que une Mata Atlântica preservada e Patrimônio Histórico, é muito mais do que um caminho, uma trilha: é um capítulo vivo da formação do país.

Nele, está a Calçada do Lorena, primeira estrada pavimentada do Brasil, por onde passaram tropeiros e viajantes que moldaram nossa trajetória nacional. Ao longo do caminho, também se erguem os monumentos, em sua maioria construídos em 1922, para comemorar o centenário da Independência

do Brasil, conjunto arquitetônico singular que reafirma a importância dessa rota na consolidação da identidade brasileira.

Atualmente, o Parque Caminhos do Mar vive um novo momento. Renovado, estruturado e repleto de vida, recebe milhares de visitantes todos os anos. São pessoas que descobrem em Cubatão um patrimônio que muitos ainda desconhecem — um espaço onde a exuberância da Serra se encontra com marcos da nossa história, convidando cada um a caminhar literalmente por uma estrada do passado enquanto contempla o futuro.


Cubatão sempre ocupou lugar estratégico na evolução econômica do país. Agora, reafirma também seu papel no desenvolvimento cultural, turístico e artístico da região e do Brasil. Nossa cidade é feita de raízes profundas e rotas que apontam para um futuro próspero, plural e consciente de seu papel histórico.

---

César Nascimento  
Prefeito de Cubatão

---





É uma grande satisfação ver Cubatão acolher a edição inaugural da revista Raízes & Rotas. Para nós, é uma oportunidade única de contar nossa história sob uma nova luz — mostrando ao público de dentro e de fora da cidade a força de nossas raízes culturais, a riqueza do nosso patrimônio turístico e o quanto a identidade cubatense se constrói pela riqueza de seus povos, de seus territórios e de suas memórias. A revista nasce como uma plataforma para registrar o que somos e, ao mesmo tempo, projetar o que podemos ser, valorizando cada detalhe que faz de Cubatão um lugar singular.

Ao mesmo tempo, esta edição nos permite apresentar ao mundo as nossas belezas naturais, que hoje se colocam como símbolos de renascimento e superação. O Selo Verde (Tree Cities of the World), conquistado por Cubatão, reforça justamente essa trajetória de recuperação ambiental que orgulha nossa cidade e inspira novos caminhos. Que esta revista possa ampliar olhares, fortalecer o turismo sustentável e reafirmar Cubatão como um destino que une história, natureza e futuro.

---

Elias Bezerra da Silva

Secretário de Turismo de Cubatão

---



# RAÍZES & ROTAS

---

**DIRETOR EXECUTIVO:** Sérgio França Coelho

**EDITORA CHEFE:** Elizangela Nobre Bafini

**GERENTE DE RELACIONAMENTO**

**INSTITUCIONAL:** Selma Cabral

**GERENTE DE RELAÇÕES COM MERCADO:**

Roberta Stock de Oliveira

**COMUNICAÇÃO DIGITAL:** Márcio Cabral

**EDIÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO:**

Dora Murano

**REVISORAS:** Elizangela Nobre Bafini,

Selma Cabral e Aline Mendes Gasparin

**GERENTE DE PRODUÇÃO:** Aline Mendes

Gasparin

**Foto de capa:** Ed Santana

Editora Laranja Lima Publicidade e

Comunicação Ltda. CNPJ 16.878.162/0001-67

Rua Dr. Carvalho de Mendonça, 224 sala 13b

Vila Belmiro, Santos/SP, CEP: 11.070-101

**Raízes & Rotas** é uma revista inovadora que redefine o conceito de turismo cultural  
[contato@forumbrasilturismocultural.com.br](mailto:contato@forumbrasilturismocultural.com.br)  
[sergiofranca@forumbrasilturismocultural.com.br](mailto:sergiofranca@forumbrasilturismocultural.com.br)

**IMPRESSÃO:** Gráfica Forma Certa. Alameda Arapoema, 248, Centro Empresarial Tamboré, Barueri (SP), CEP 06460-080.

Contato: (11) 3672-2727,

e-mail: [alysa@formacerta.com.br](mailto:alysa@formacerta.com.br)

## COLONISTAS

Alessandro Lopes

Ana Luiz Pradela

Branco Bernardes

Cristine Carbone

Jaqueline Fernandez

Mauricio Coutinho

Paulo Barros

Raquel Neri

Selma Cabral

Verônica Di Benedetti

## MATÉRIAS ESPECIAIS

Fábio Tatsubô

Elias Bezerra da Silva

## FOTÓGRAFOS

Cida Ladaga

Ed Carlos Santana

Julimar Gomes

Renato Atalaia

Tadeu Filho

Thiago Cunha

## AGRADECIMENTOS:

Alan Queiroz

Carlos Pimentel Mendes

Edson Carlos da Silva (Bril)

Fabricio Lopes

Juliana Souza

Maria Fernanda Tavares

Milton Custódio Simões

Pedro Saletti

Renato Pinto

## VOZES DA CIDADE:

Adalberto Nascimento dos Santos

Anderson Oliveira da Silva

Antônio Simões

Carlos Alberto Moraes

Elias Bezerra da Silva

Evelyn Machado

Halan Clemente

Paula Ravanelli

Paulo Roberto Pereira dos Santos

Mario Leite

Noemia Braga

Rosana Soares

Acesse o QR code para receber a versão digital da revista e conteúdos extras e atualizados.



---

## CONSELHO EDITORIAL



**Fórum Brasil de Turismo Cultural**  
[forumbrasilturismocultural.com.br](http://forumbrasilturismocultural.com.br)  
[@forumbrasilturismocultural](https://www.instagram.com/forumbrasilturismocultural)



**Lab4d**  
[@lab4d](https://www.instagram.com/lab4d)



**Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**  
[@ihgsp](http://www.ihgsp.org.br)



**Instituto Protagonismo Cidadão**  
[protagojismocidadao.com.br](http://protagojismocidadao.com.br)  
[@protagonismocidadao](https://www.instagram.com/protagonismocidadao)



**Trinity Marketing de Eventos**  
[@trinitytreinamentos](https://www.instagram.com/trinitytreinamentos)



**Turismo e Ideias**  
[turismoeideias.com.br](http://turismoeideias.com.br)  
[@turismoeideias](https://www.instagram.com/turismoeideias)



**Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente**  
[@ihgsv](https://www.instagram.com/ihgsv)



**Laranja Lima Comunicação**  
[laranjali.ma](http://laranjali.ma)  
[@loranjalimapublicidade](https://www.instagram.com/loranjalimapublicidade)





A Revista Raízes & Rotas nasce desse propósito: traduzir o Brasil em suas múltiplas camadas, revelar identidades e valorizar experiências onde tradição e inovação se encontram. Em cada edição, buscamos não apenas contar histórias, mas escutá-las, observá-las, vivenciar e sentir seus ecos nos territórios e nas pessoas.

Embora a escolha de inaugurar esta revista tendo Cubatão como primeiro destino tenha nascido de uma decisão coletiva, ela também acolhe as minhas raízes. As memórias da infância — a casa dos avós, o cheiro de terra molhada, os almoços em família e os domingos cheios de histórias — deram a essa escolha um significado muito especial. Mas, para além do afeto, é admitir que os lugares têm alma; que a memória, uma vez tocada, permanece; e que até territórios feridos podem renascer. A história de Cubatão, antes sinônimo de tristeza, tornou-se metáfora de superação. Reconstruiu-se pela ciência, pela arte, pelo trabalho coletivo e pela fé persistente de seu povo. Recuperou o ar,

*“Entre as raízes dos antepassados e os sonhos que nos movem, ergue-se o território chamado presente. É exatamente neste fluxo contínuo entre a memória e os novos caminhos que a cultura vibra. E não se faz só: ela pulsa do pertencimento, da coletividade, dos encontros e dos movimentos da vida. É desse universo partilhado que nascem as histórias que contamos e os sentidos que reinventamos — sempre em diálogo com quem fomos, com o que somos e com a esperança que ainda podemos ser.”*

a água e o pertencimento, mostrando que só há verdadeiro desenvolvimento quando ele é humano, sustentável e inclusivo.

A Rainha das Serras ensina que progresso deve caminhar de mãos dadas com a memória e que a natureza, quando respeitada, devolve dignidade e orgulho.

Cubatão é símbolo, lembrança de que a cultura costura rupturas, reconcilia o homem com o território e inspira ação.

Com esse espírito — o de uma cidade que nasceu — abrimos esta edição.

Entre chão e sonho, celebramos o trabalho silencioso que transforma paisagens e histórias, reafirmando que o turismo cultural é gesto de afeto pelo mundo.

Onde há cultura, há vida.

E, onde há vida, há sempre recomeço.

---

Por Elizangela Nobre Bafini

Editora-chefe

---



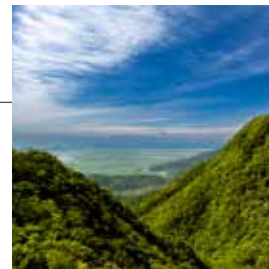
# SUMÁRIO

---

## 8 *Matéria de capa*

### **Entre Serras e memórias, Cubatão renasce**

Selma Cabral



## 16 *Destino cultural*

### **O Cemitério das Polacas de Cubatão**

Wellington Ribeiro Borges

## 22 *Rastro de sabor*

### **Arquitetura dos Sabores: Experiência Sensorial entre Espaço e Sabor**

Verônica Di Benedetti



---

## 26 *Ecos do passado*

### **Cubatão: o que resta depois da fumaça**

Alessandro Lopes

## 28 *Lume*

### **Afonso Schmidt: O poeta social do proletariado**

Wellington Ribeiro Borges



---

## 34 *Harmonia dos sons*

### **Os Novos Ares de Cubatão**

Branco Bernardes

## 38 *Conhecer e preservar*

### **O papel da Educação Patrimonial para o reconhecimento, identificação e preservação da memória local**

Raquel Nery





---

## 46 *Cultura em movimento*

**Nove territórios, uma riqueza: como a baixada santista redescobre a si mesma através do turismo cultural**

Paulo Barros e Ana Luiz Pradela

## 52 *Panorama SP*

**Rua Avanhandava: o charme europeu no coração de São Paulo**

Mauricio Coutinho

## 60 *Novos caminhos*

**Turismo sustentável e responsável: caminho para o desenvolvimento consciente**

Fábio Tatsubô



---

## 62 *Patrimônio futuro*

**Como um lugar se torna um destino de turismo cultural: comece pela superação da síndrome da não vocação turística**

Marcelo Brito

## 70 *Vozes da cidade*

**Cubatão: a cidade que resiste, renasce e reinventa sua própria história**

Aline Mendes Gasparin



---

## 74 *3ª Edição Fórum Brasil 2025*

**Fórum Brasil de Turismo Cultural reúne especialistas e experiências no Museu Pelé, em Santos**


Selma Cabral



# MATÉRIA DE CAPA

Renato Atalaja





De cidade símbolo da poluição, a exemplo de regeneração ambiental e cultural, Cubatão ressurgiu como destino que celebra sua história industrial sem apagar suas paisagens naturais.

## **ENTRE SERRAS E MEMÓRIAS, CUBATÃO RENASCE**

Há lugares que ensinam o valor da transformação. Cubatão é um deles. A cidade que já foi sinônimo de poluição e degradação ambiental tornou-se um caso exemplar de regeneração — não apenas da natureza, mas também da própria identidade.

Nos anos em que o progresso industrial se impunha como destino, Cubatão carregou o peso de um rótulo injusto. Mas foi ali mesmo, onde as chaminés dominavam o horizonte, que começou uma das histórias mais emblemáticas de recuperação ambiental do Brasil. Projetos de reflorestamento, controle de emissões e reeducação ambiental transformaram paisagens e mentalidades.

A cidade que inalava fumaça hoje respira cultura, natureza e possibilidades.



## **Indústria e Floresta aprendendo a conviver**

O polo industrial segue presente, mais moderno e comprometido com a sustentabilidade. Essa convivência — antes inimaginável — entre fábricas e florestas é um símbolo do novo tempo de Cubatão: uma cidade que aprendeu a crescer sem apagar suas raízes.

O Parque Anilinas, requalificado e vibrante, tornou-se o coração urbano dessa nova fase. Ali, famílias, artistas e visitantes convivem em um espaço que celebra a arte, a memória e a vida ao ar livre.

## **Território que inspira**

O Polo Cultural, os eventos de turismo comunitário, as trilhas da Serra do Mar e o Parque Caminhos do Mar revelam uma Cubatão que se reconecta com seu território, convidando o visitante a sentir, compreender e participar dessa transformação.

A cidade também floresce na gastronomia e na hospitalidade. Da culinária caíçara aos sabores contemporâneos inspirados em sua diversidade cultural, Cubatão vem se posicionando como um destino capaz de unir experiência, autenticidade e consciência.

É o turismo cultural e sustentável como instrumento de pertencimento e de futuro.

## **Entre memória e futuro**

Mais do que mudar de imagem, Cubatão mudou de essência. O que antes era sinônimo de poluição tornou-se símbolo de equilíbrio. E entre serras cobertas de verde e memórias que resistem ao tempo, a cidade segue mostrando que o verdadeiro desenvolvimento é aquele que integra o homem, a indústria, a cultura e a natureza em um mesmo horizonte.

Em Cubatão, o recomeço não é apenas uma promessa — é uma realidade que inspira todo o país.

---

Selma Cabral

Turismólogo, Empresária e Consultora de Turismo. Escritora e articulista de diversos portais de turismo, é curadora de programação e autora de diversos projetos do Fórum Brasil de Turismo Cultural.

---







Renato Atalá





A ponte de Cubatão: cor, identidade e movimento.



## Ponte Manuel Alves Fernandes (Ponte Arco-Íris)

A Ponte Manuel Alves Fernandes, conhecida como Ponte Arco-Íris, é um daqueles lugares de Cubatão onde a memória se mistura ao movimento da cidade. Estendida sobre o Rio Cubatão, ela liga a área urbana à área industrial, conectando trajetórias, trabalhadores e capítulos importantes da história local.

Agora, a ponte atravessa um novo momento: passa por um processo de revitalização que inclui a futura ciclofaixa iluminada por energia solar e esculturas em forma de folhas — uma homenagem ao prêmio ambiental conquistado por Cubatão na Rio Eco-92, símbolo de sua recuperação e renascimento.

As obras seguem em andamento, anunciando um espaço que unirá mobilidade, sustentabilidade e identidade. Entre luz, água e movimento, a Ponte Arco-Íris se afirma como símbolo de renovação: um lugar simples, cotidiano, mas cheio de significado para quem vive e respira Cubatão.

## Quem foi Manuel Alves Fernandes?

Manuel “Maneco” Alves Fernandes foi um dos jornalistas mais queridos e respeitados de Cubatão, figura cuja trajetória se confunde com a própria história da cidade. Correspondente por décadas do jornal A Tribuna, ele acompanhou de perto cada etapa da evolução do município, da industrialização aos movimentos sociais que marcaram períodos decisivos. Com olhar sensível e postura sempre serena, Maneco foi voz ativa nas lutas por melhorias ambientais, na defesa da autonomia política de Cubatão e na construção de uma identidade comunitária mais forte. Sua escrita unia firmeza e gentileza, registrando não apenas os fatos, mas o espírito do povo cubatense. Como reconhecimento por sua dedicação e serviço à cidade, a ponte que liga bairros e histórias leva hoje o seu nome — um tributo merecido a quem, por tantos anos, conectou Cubatão a si mesma por meio da informação, do compromisso e do afeto.



Departamento de Imprensa/Prefeitura de Cubatão



Acervo de Arlindo Ferreira

Após a queda da primeira ponte que havia no local, sobre o Rio Cubatão, foi então refeita com novas técnicas e reinaugurada em 1941

# MATÉRIA DE CAPA

## CUBATÃO, A CIDADE QUE REINVENTA O FUTURO

A COP30, realizada em Belém do Pará, coloca a Amazônia no centro das discussões globais sobre o clima e reúne líderes mundiais, pesquisadores e representantes de cidades para definir metas e políticas capazes de orientar o planeta rumo à redução de emissões e à adaptação às mudanças já em curso. Nesse cenário de alcance internacional, Cubatão surge como exemplo concreto de transformação e como símbolo da capacidade brasileira de alinhar desenvolvimento, responsabilidade ambiental e força comunitária.

A presença do município na conferência é resultado de um processo de amadurecimento institucional que foi se consolidando ao longo das últimas décadas. Depois de fortalecer sua agenda ambiental e cultural, Cubatão adotou um modelo de gestão fundado na ética e na reputação, conhecido como Racionalidade Econômica Reputacional Ética Verde. Essa lógica, que orienta decisões públicas e privadas com foco na responsabilidade e na visão de futuro, impulsionou mudanças profundas no território. Indústrias modernizaram seus processos, comerciantes incorporaram práticas mais responsáveis e moradores se engajaram em ações que reforçaram o vínculo entre comunidade e meio ambiente.

Os avanços aparecem em indicadores que reposicionam Cubatão no cenário estadual e nacional. O município conquistou o posto de ar mais limpo do Estado de São Paulo, integrou-se ao programa *Tree Cities of the World* e apresentou evolução consistente no Índice de Qualidade do Ar, Índice de Desenvolvimento Humano Municipal e Índice de Vulnerabilidade Social, além de alcançar



Acervo Assessoria Parque Caminhos do Mar



# Uma trajetória de reinvenção urbana, força comunitária e liderança sustentável que leva o município à COP30 como referência brasileira em regeneração socioambiental

crescimento expressivo na eficiência técnico-ambiental medida pelos estudos de DEA – Análise Envoltória de Dados. Por trás desses números, estão histórias de oportunidade, qualidade de vida e renovação da confiança entre população e poder público.

A cidade também consolidou a cultura como elemento estratégico de integração social. A energia criativa de coletivos, artistas e educadores tem gerado novas formas de pertencimento, especialmente entre os jovens, que encontram espaços de expressão e formação em iniciativas culturais e ambientais articuladas nos bairros. Em Cubatão, a cultura se tornou parte fundamental da construção de um futuro sustentável, fortalecendo o que a cidade tem de mais valioso: sua gente.

É essa Cubatão contemporânea — humana, resiliente e inovadora — que se apresenta à COP30. O município leva uma experiência prática de transição ecológica possível, construída pela combinação entre governança, participação comu-

nitária e responsabilidade empresarial. Sua trajetória oferece ao debate global um exemplo palpável de que desenvolvimento e preservação caminham juntos quando guiados por ética, planejamento e visão de longo prazo.

A participação na conferência inaugura um novo momento para o município. A projeção internacional abre portas para parcerias estratégicas, investimentos em inovação verde e intercâmbios tecnológicos capazes de fortalecer programas locais de sustentabilidade, educação e turismo responsável. Cubatão avança, assim, para consolidar-se como laboratório vivo de boas práticas e como referência entre cidades que buscam construir modelos de desenvolvimento mais justos, criativos e conectados com o meio ambiente.

---

Elizangela Nobre Bafini

Professora, Advogada mestranda em Direito Internacional dos Direitos Humanos, Secretária de Cultura do município de São Vicente (2021-23), Produtora Cultural, Editora-Chefe da revista Raízes e Rotas.

---

# DESTINO CULTURAL

## Encenação da Paixão de Cristo

A Paixão de Cristo de Cubatão é uma das mais tradicionais encenações do gênero e reconhecida como a mais antiga do Brasil é marcada pela força comunitária e pela emoção que atravessa gerações.

Realizada há décadas, ela reúne moradores, voluntários, artistas locais e profissionais em um espetáculo que transforma a cidade em um grande palco a céu aberto.

Mais do que representar a história bíblica, o evento celebra cultura, fé e identidade cubatense, valorizando a memória coletiva e reforçando o papel da arte como expressão viva de união e pertencimento.



Julimar Gomes

50ª Paixão de Cristo - Patrimônio Cultural Imaterial de Cubatão





Julimar Gomes

Locomotiva instalada durante as festividades natalinas em frente a Estação das Artes, em 2024.

## Estação das Artes

A Estação das Artes é hoje um dos símbolos culturais mais vibrantes de Cubatão. Instalado em um antigo galpão ferroviário, o espaço foi revitalizado para receber diversas manifestações artísticas e se tornou ponto de encontro de moradores, estudantes e visitantes.

Com exposições, apresentações, oficinas e eventos, a Estação das Artes fortalece a circulação de saberes e incentiva a criatividade.

O ambiente preserva a memória do passado industrial da cidade, ao mesmo tempo em que projeta um futuro em que cultura, educação e convivência se entrelaçam, tornando-se referência para quem busca experiências culturais acessíveis e de qualidade.

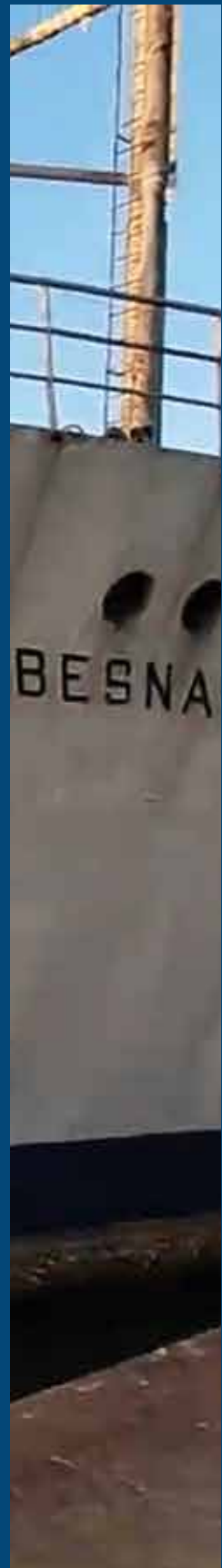
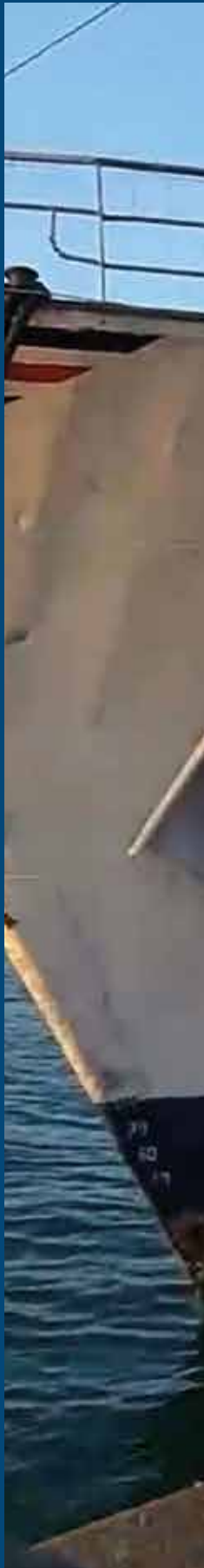
## Locomotiva Henschel 915

A Locomotiva Henschel 915 é um dos marcos históricos mais emblemáticos de Cubatão, símbolo da era ferroviária que impulsionou o desenvolvimento regional. Ela está no Parque Anilinas, onde se tornou ponto de referência para moradores e visitantes.

Fabricada para servir às linhas da antiga Sorocabana, ela representa a força do transporte de carga e o papel estratégico da cidade na economia paulista.

Preservada como patrimônio, a Henschel 915 desperta memórias e valoriza a relação da comunidade com sua história industrial.

Hoje, a locomotiva é um lembrete vivo do trabalho, da engenharia e do progresso que moldaram Cubatão, convidando novas gerações a conhecerem suas raízes.





# Preservar o Besnard é preservar nossa história, nosso orgulho e nosso futuro.

O Fórum Brasil de Turismo Cultural firmou parceria com o Instituto do Mar - IMAR para liderar uma campanha junto à sociedade pela restauração e exploração turística e cultural de um ícone da pesquisa brasileira.

## NOVO PROFESSOR BESNARD Navio Museu Flutuante

APOIO



NAVEGA+  
Brasil



APOIO



MINISTÉRIO DE  
PORTOS E  
AEROPORTOS



Saiba mais em:  
[contato@forumbrasilturismocultural.com.br](mailto:contato@forumbrasilturismocultural.com.br)





Renato Atalaia

## O CEMITÉRIO DAS POLACAS DE CUBATÃO

Uma boa opção de visita para quem curte história é conhecer o Cemitério Israelita de Cubatão administrado pela *Chevra Kadisha* – Associação Cemitério Israelita de São Paulo em parceria com a Prefeitura Municipal de Cubatão.

Tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Cubatão, Condepac em agosto de 2010, é o primeiro cemitério israelita do país considerado patrimônio histórico.

O Cemitério das Polacas, como também é conhecido este campo santo, possui uma história dramática. Ali estão sepultadas mulheres judias provenientes do leste europeu que, no final do século XIX, para escaparem do forte antissemitismo, a fome e a miséria, vieram para a América em busca de melhores condições de vida. Com falsas promessas de casamento, foram iniciadas na prostituição em cidades como Buenos Aires, Rio de Janeiro, Santos e São Paulo.





Mulheres judias do Leste Europeu que chegaram ao Brasil vítimas de falsas promessas e foram forçadas à prostituição no início do século XX. Conhecidas como “polacas”, criaram redes de apoio entre si e, mais tarde, fundaram o Cemitério de Inhaúma, no Rio de Janeiro.

Seus algozes foram seus próprios “maridos” os quais mantinham uma extensa rede de prostituição organizada numa instituição mafiosa conhecida como Zwig Migdal, responsável pelo tráfico internacional de mulheres com ramificações em todo o mundo.

Em Santos, essas mulheres fundaram a Associação Beneficente e Religiosa Israelita de Santos que se ocupava na mútua ajuda de suas associadas e para manter acesa a chama de suas tradições dando-lhes um pouco de dignidade, já que não eram aceitas pelos membros da comunidade israelita tradicional. Em 1929, adquiriram um terreno no então distrito cubatense para estabelecer ali, seu cemitério. Nele existem 69 lápides, sendo 54 delas de mulheres e 15 de homens. O sepultamento mais antigo data de 1924 e o mais recente 1966.

Resgatar esta memória nos dias atuais nos ajuda a entender e a combater uma tragédia que a cada dia torna-se maior: o feminicídio que envolve a violência doméstica e familiar, violência sexual, tráfico para fins de exploração sexual e outras formas de submeter a mulher às piores condições humanas possíveis.

As histórias dessas judias sepultadas em Cubatão ajudam a romper o silêncio histórico e a invisibilidade do problema que perpassa os séculos.

Como se referiu a ex-secretaria adjunta de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres da Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres, Aline Yamamoto, uma das bases da violência contra as mulheres é que ela é naturalizada e banalizada, tornando-se algo permitido, que é socialmente aceitável. Inclusive no caso de assassinato que é um dos crimes mais graves que existem, mas que segue acontecendo todos os dias sem que isso seja um dado intolerável para a sociedade.

As “polacas” são exemplo de resistência, pois desterradas e violentadas, souberam preservar suas vidas e suas tradições.

---

### Wellington Ribeiro Borges

Historiador, autor dos livros *Uma História de Amor e Paixão – 50 Anos da Encenação da Paixão de Cristo em Cubatão* (2019) e *Um Legado de Vozes e Acordes* (2025). É coautor dos livros *Cubatão Caminhos da História* (2007) e *Afonso Schmidt Escritor da Alma Brasileira* (2008). Foi Secretário Municipal de Cultura de Cubatão (2010-2016)

---





Crédito



# RASTRO DE SABOR

**ARQUITETURA DOS SABORES:  
EXPERIÊNCIA SENSORIAL  
ENTRE ESPAÇO E SABOR**



Em cidades que preservam seu patrimônio edificado, a gastronomia encontra um cenário privilegiado para despertar os sentidos. Fazer uma refeição em um edifício histórico é como provar o tempo, degustar a matéria de que a cidade é feita com todas as suas narrativas que se revelam em cada detalhe da edificação. É recontar a história através dos cinco sentidos. A luz filtrada pelos vitrais, o som dos passos no assoalho de madeira, janelas e portas, revelando espaços que se destacam pelo seu pé direito imponente e o aroma dos pratos que se espalha pela madeira antiga compõem uma sinfonia sensorial que potencializa a experiência do visitante.

A arquitetura histórica e a culinária tradicional compartilham uma mesma natureza: ambas nascem da memória coletiva. Cada prato típico e cada construção preservada, são narrativas que atravessam gerações, guardando saberes, gestos e identidades culturais. O espaço deixa de ser apenas um local físico e se transforma em um ingrediente essencial de uma experiência que passa a ser afetiva, marcando para sempre a sua memória.

Em Cubatão, temos a combinação entre as antigas vilas operárias, os armazéns e os prédios públicos que testemunham o encontro entre o trabalho industrial e a vida comunitária. Este meio marcado pela história da cidade como um importante parque industrial, se funde com o exuberante patrimônio ambiental da Serra, com sua fauna e flora e seus biomas tão característicos, com destaque para o manguezal, fazendo desta fusão um importante elemento de atração.

O visitante que saborear uma moqueca de peixe com banana-verde em uma antiga casa operária de Cubatão, por exemplo, não apenas desperta paladar, mas está vivenciando uma história que atravessa gerações e honra a cultura local, promovendo as tradições trazidas pelos migrantes nordestinos e proximidade com o manguezal e a história da cidade com

Marques Angf/Shutterstock



Janela do Rancho da Maioridade na histórica Estrada Velho de Santos com vista para a Refinaria Presidente Bernardes, Cubatão, SP.





Marcelo Morvan/Shutterstock

o cultivo da banana que teve seu lugar de destaque quando sua extensa produção ecoava pelo Porto de Santos durante a segunda metade do século XIX.

As receitas nascem do território, e o território é narrado pelas edificações. Comer, nesse contexto, é um gesto de leitura: cada garfada revela o traço do tempo, cada textura evoca uma paisagem, cada aroma reconstrói um pedaço da cidade e da sua história.

Essa relação entre arquitetura e sabor transcende o turismo comum e torna a experiência sensorial completa. O visitante observa, toca, ouve, sente e saboreia. E, ao fazê-lo, estabelece uma conexão emocional com o lugar. É nesse instante que o patrimônio deixa de ser visto como passado e passa a ser vivido como presente. Em Cubatão, a integração entre gastronomia e edificações históricas pode transformar antigos espaços industriais em territórios de afeto, onde o sabor serve de linguagem e o patrimônio, de palco para a memória coletiva.

Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, já descobriu esta sinergia. Ao caminharmos pela cidade podemos constatar esta combinação perfeita entre

arquitetura histórica e gastronomia. São restaurantes, bares e cafeterias, sem contar as microcervejarias nos antigos galpões industriais do 4º Distrito que ocupam muitos imóveis históricos, inclusive, um Shopping Center que ocupa a antiga fábrica da cervejaria Brahma, e que diga-se de passagem é o empreendimento deste segmento que mais cresce na cidade. Até mesmo uma revista da região, especializada em gastronomia local, tem premiado consecutivamente cafeterias localizadas em edificações históricas. Não é por acaso!

A promoção do turismo cultural precisa passar por este entendimento, de que a experiência do visitante deve atingir todos os sentidos, e para que isto ocorra, não basta um patrimônio arquitetônico exuberante, a receita de sucesso passa obrigatoriamente, pela gastronomia local de qualidade.

---

#### Verônica Di Benedetti

Arquiteta e Urbanista, empreendedora do setor imobiliário, é sócia da REIH, onde promove a valorização de imóveis históricos transformando-o em um ativo econômico por meio de agenciamento imobiliário qualificado, projetos, retrofit e incentivos fiscais.

---

# ECOS DO PASSADO

## CUBATÃO: O QUE RESTA DEPOIS DA FUMAÇA

Cubatão nunca foi uma cidade fácil de amar. Há lugares que nascem para o deslumbramento; ela nasceu para o trabalho, o suor, o barulho metálico que se infiltra na alma. Entre a serra e o estuário ergueu-se uma geografia de resistência. O chão tremeu com os motores, o ar queimou com o progresso, e a memória se misturou à fuligem. Hoje, quando falam em regeneração, penso se não é cedo demais ou tarde demais. Porque o que chamam de patrimônio aqui é também ferida. A Calçada do Lorena, os trilhos enferrujados, o Largo do Sapo com suas casas cansadas de tempo: nada disso existe sem o eco das sirenes, sem a lembrança do vale da morte. Cada tijolo é testemunha de um pacto desigual entre natureza e indústria, entre o homem e sua pressa.

Renato Atalala





Renato Ataláia

Passear por Cubatão é ouvir o silêncio dos que ficaram. A paisagem não se explica; ela acusa. O verde da serra não apaga o que o homem gravou no solo. O manguê se refaz, mas não esquece. Ainda assim há beleza nesse recomeço torto, nesse fio de vida que insiste entre o concreto rachado e a flor que brota no muro. Às vezes penso que o patrimônio serve menos para conservar e mais para confrontar. Não se trata de restaurar fachadas, mas de enfrentar o espelho que elas seguram. O visitante que vem buscar ruínas encontra reflexos. E neles, o retrato de um país que industrializou-se rápido e esqueceu de respirar. “Desenhar não é apenas projetar formas, é plantar possibilidades no tecido vivo da cidade.” Mas e quando o tecido é de poeira? Quando a cidade é costura remendada de lembranças e cicatrizes? É nesse ponto que o urbanismo se torna confissão. Cada linha traçada é também uma tentativa de desculpa. Cubatão não quer ser redimida. Quer ser ouvida.

Quer que entendam que por trás da fumaça havia vidas, afetos, histórias que a pressa apagou. O turismo, se vier, que venha com humildade, com passos lentos e olhos atentos. Que o visitante não procure o cartão-postal, mas o rumor que ficou preso entre as montanhas. O patrimônio aqui não é museu. É sobrevivência. É o som metálico das fábricas misturado à reza das marés. É o direito de existir mesmo depois que o mundo te chamou de feia. Talvez seja isso que Cubatão ensine ao país: que a beleza não nasce da pureza, mas da persistência. Que a cidade só se regenera quando aprende a amar suas cicatrizes. E você, leitor, teria coragem de amar uma cidade que ainda carrega o cheiro da sua própria dor?

---

### Alessandro Lopes

Professor, Arquiteto Urbanista de inovação Palestrante, apresentador e comentarista, Professor universitário e Consultor. MESTRE B.I.M./C.I.M./E.S.G. Membro Titular Conselho Consultivo CBIM Nacional

---

## AFONSO SCHMIDT: O POETA SOCIAL DO PROLETARIADO

Mais do que um escritor, Afonso Schmidt foi uma voz em favor dos menos favorecidos que eternizou em suas páginas a vida dos imigrantes, a efervescência anarquista e os dramas sociais do Brasil no século XX. Sua obra, vasta e por vezes esquecida, é um verdadeiro tesouro da nossa literatura. Sobre ele, escreveu o deputado e escritor Cid Franco: *“Foi um dos iniciadores da poesia social do proletariado, como Castro Alves foi o grande nome da poesia social do tempo da escravidão do negro. É sem dúvida um dos maiores prosadores que temos. Sempre pobre, sempre escrevendo em meio das maiores dificuldades, sua vida é um romance social”*.

Afonso Schmidt nasceu em 29 de junho de 1890. Filho de João Afonso e de Odila Brunckenn Schmidt, viu pela primeira vez a luz na cidade de Cubatão, na época ainda distrito de Santos. Faleceu em 3 de abril de 1964, na cidade de São Paulo, com 73 anos.

Realizou os primeiros estudos em Santos, passando depois à São Paulo, onde os completou quanto possível.

Jovem ainda, e em circunstâncias curiosíssimas, viajou duas vezes para o exterior, perambulando pela Europa, desejoso do contato com a civilização do Velho Mundo.

Manifestou, desde a meninice, irresistível vocação literária e para a vida da imprensa, às quais, aliás, veio a consagrar-se inteiramente. Como jornalista, trabalhou na *Voz do Povo*, foi redator de *O Estado de São Paulo* e redator-chefe da *Revista Fundamentos* e do *Jornal do Folclore*. No *O Estado de São Paulo* publicou no Suplemento a primeira edição do *Zanzalá*. Já *O Enigma de João Ramalho* foi editado pelo Clube do Livro no final de sua vida, em 1963.

Afonso Schmidt foi retratado em março de 1964 pela pintora Wega. Antes de falecer, ele teve chance de elogiar a obra. Foto: acervo do Arquivo Histórico Municipal de Cubatão



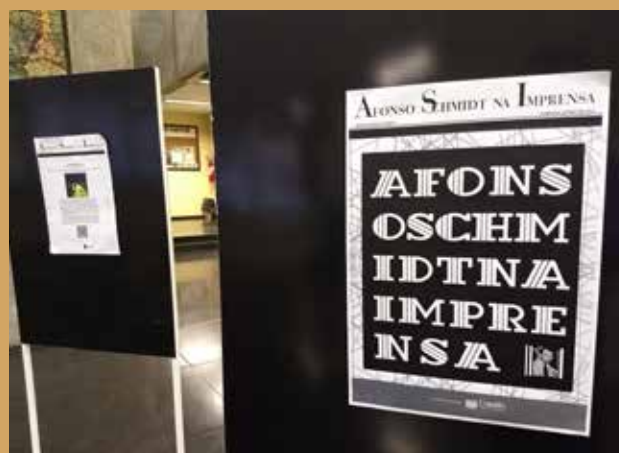




Arquivo Histórico Cubatense



Arquivo Histórico Cubatense



Arquivo Histórico Cubatense



Arquivo Histórico Cubatense

Exposição Cubatão na Obra de Afonso Schmidt.



Sócio fundador do Sindicato de Jornalistas do Estado de São Paulo, foi também membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da União Brasileira de Escritores.

Poeta e romancista, eleito intelectual do ano em 1963, considerava-se um homem realizado. Não como “intelectual que serve ao povo, mas como homem do povo mesmo, que tem a faculdade de se exprimir em arte”.

Autor de mais de setenta obras entre romances, novelas, crônicas e poesias, Afonso Schmidt conquistou vários prêmios, como o da revista *O Cruzeiro*, em 1950 com o trabalho “Menino Felipe”; o Prêmio Juca Pato, no Concurso “O Intelectual do Ano”, em 1963, vencendo escritores do porte de Tristão de Ataíde, Cecília Meireles e outros.

Com o objetivo de perpetuar sua obra e torná-la acessível o Instituto Afonso Schmidt lançou recentemente o Portal Afonso Schmidt - um site dedicado a preservar e divulgar o legado do autor.

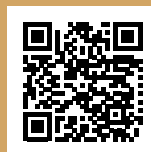
O site pretende se consolidar como a principal fonte de consulta online sobre este importante escritor da primeira fase do Modernismo, conhecido por suas narrativas socialmente engajadas e sua atuação na imprensa operária.

O portal oferece um repositório confiável e organizado, contendo:

- Uma biografia completa do autor;
- Um acervo digital com algumas de suas obras disponíveis nos formatos e-book e áudio-book, incluindo romances como *Menino Felipe*, *Bom Tempo*, *A Marcha*, *Colônia Cecília*, *Saltimbanco* e *Tesouro de Cananeia*.
- Um arquivo rico de fotografias, documentos históricos e artigos que contextualizam sua trajetória.
- Espaço para divulgação de ensaios e pesquisas correlatas.

Se você é um estudioso, um amante da literatura ou simplesmente alguém curioso sobre literatura e história, este portal é um destino obrigatório.

Visite e se encante: [www.portalafonsoschmidt.com.br](http://www.portalafonsoschmidt.com.br)



### Wellington Ribeiro Borges

Historiador, autor dos livros *Uma História de Amor e Paixão - 50 Anos da Encenação da Paixão de Cristo em Cubatão* (2019) e *Um Legado de Vozes e Acordes* (2025). É coautor dos livros *Cubatão Caminhos da História* (2007) e *Afonso Schmidt Escritor da Alma Brasileira* (2008). Foi Secretário Municipal de Cultura de Cubatão (2010-2016)



Arquivo Histórico Cubatense

O artista francês Jean Luciano ilustrou em 1974 o livrete Cubatão na obra de Afonso Schmidt, editado pela Prefeitura. Uma das imagens é o troféu Juca Pato, com que o escritor foi agraciado



## CUBATÃO EM TELA: CRISTIANE CARBONE

Artista plástica e arte-educadora, Cristiane Carbone constrói uma trajetória dedicada a transformar a história e a identidade brasileira em expressão sensível por meio da arte. Vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, é também Diretora Conselheira da Associação Brasileira dos Municípios de Interesse Cultural e Turístico (AMITUR), Diretora do Comitê de Civismo e Cidadania da Associação Comercial de São Paulo (COCCID) e ocupa a cadeira nº 16 da Academia Cristã de Letras.

Com 34 anos de carreira, desenvolveu projetos temáticos de grande relevância histórico-cultural, nos quais arte e memória se entrelaçam de forma afetiva e educativa. Entre eles destacam-se Pátria Amada Brasil, Tributo à São Paulo, Memória Paulistana, Patrimônio Histórico, Brasil... Forte Abraço!, Caminhos da Independência – Santos à São Paulo, Retrato Mauá – Arte e História e Patrimônio Cultural Municipal – Um Olhar Afetivo.

Em “Cubatão em Tela”, sua sensibilidade artística revela novas leituras sobre a cidade, traduzindo em cores, formas e significados a riqueza de sua história, seu patrimônio e sua essência cultural, convidando o público a enxergar Cubatão para além da paisagem, como território vivo de memórias e identidade.



### CALÇADA DO LORENA

Essa Calçada, uma melhoria e empedramento do trecho na Serra, entre Santos e São Paulo, foi obra de Bernardo Jose Maria de Lorena, governador da Capitania. Ficou pronta em 1792 e permitiu o trânsito de cavaleiros e tropas de mula transportando o açúcar e o café, nos inícios da produção paulista.





**PADRÃO DO LORENA**  
Esse monumento da serra, situa-se no cruzamento Estrada da Maioridade com a Calçada e homenageia o impulsionador desse caminho empedrado, Conta a história do transporte de mercadorias em azulejos de José Wasth Rodrigues.



**CRUZEIRO QUINHENTISTA**  
Em 1920, Washington Luís encomendou a Victor Dubugrás, renomado arquiteto, a feitura de monumentos na estrada da serra. O primeiro era esse Cruzeiro, que ficava no entroncamento de caminhos antigos: Caminho do padre José, Calçada do Lorena e Estrada da Maioridade, hoje Estrada Velha do Mar.



**MONUMENTO DO PICO**  
Colocado no final da subida, esse monumento possuía uma pedra com os dizeres: *Omnia vincit amor subditorum*. Essa expressão latina, tirada de Virgílio, informa que o amor dos súditos tudo vence e refere-se à rainha D. Maria I, avó de D. Pedro. No lugar do monumento primitivo de 1792 construiu-se esse, inaugurado em 1922.

# HARMONIA DOS SONS

## OS NOVOS ARES DE CUBATÃO





Entre corais, bandas e orquestras,  
um vale industrial se transforma  
em palco de arte e emoção



Coral Zanzalá durante apresentação na Mostra de Coros CANTUS.



Arquivo Banda Sinfônica de Cubatão

Banda Sinfônica de Cubatão e Coral Zanzalá no espetáculo Queen Sinfônico.

## **A Banda Sinfônica de Cubatão**

A história da Banda Sinfônica é um verdadeiro caso de superação. Tudo começou em 1970, quando o jovem Roberto Farias, então com 15 anos, criou a Banda Musical Afonso Schmidt, em uma escola pública local. A iniciativa cresceu, ganhou reconhecimento e, em 1981, tornou-se oficialmente a Banda Sinfônica Municipal de Cubatão.

O ápice veio em 1999, com uma turnê internacional pela Áustria e Portugal, levando o nome da cidade ao cenário europeu e consolidando sua reputação como um dos conjuntos sinfônicos mais respeitados do país.

## **Coral Municipal Zanzalá: Vozes que Contam a História**

O nome Zanzalá, inspirado em um neologismo criado pelo escritor cubatense Afonso Schmidt — “flor de Deus” —, expressa bem o espírito do grupo. Idealizado em 1978, novamente por Rodrigo Augusto Tavares, o coral tornou-se oficial em 1993.

Com um repertório que vai da MPB à música erudita, o Coral Zanzalá já se apresentou em palcos nacionais e internacionais. Em 2014, representou Cubatão no prestigiado Lincoln Center, em Nova York — um feito memorável que reafirma o alcance universal de sua arte.



## Ecos do Vale

Cercada pelas montanhas da Serra do Mar e pelo brilho metálico das chaminés, Cubatão guarda um segredo encantador: pulsa ali uma das cenas musicais mais vibrantes do litoral paulista.

Basta um ensaio aberto, uma apresentação na praça ou um concerto de gala para perceber — Cubatão respira música! De um passado industrial, marcado por desafios ambientais, a cidade avança rumo a um futuro purificado pela arte e pela criatividade.

O novo Teatro Municipal, em construção no Parque Anilinas, simboliza esse renascimento. Em breve, a cidade terá um palco à altura de seus artistas, destinado a concertos, espetáculos e exposições que prometem movimentar o turismo cultural regional.

## O Sopro da Transformação

Nos anos 1980, Cubatão era lembrada como o Vale da Morte — símbolo da poluição industrial brasileira. Hoje, tornou-se exemplo de regeneração ambiental e, sobretudo, cultural.

Nesse processo, a arte foi a força motriz da transformação. Grupos como a Banda Sinfônica de Cubatão,



Acervo Banda Marcial de Cubatão

Concerto Ternura e Coral Raízes da Serra acompanhado pela Banda Marcial de Cubatão no Teatro Coliseu, em Santos.

o extinto Grupo Rinascita de Música Antiga e o Coral Municipal Zanzalá não apenas formaram gerações de músicos, mas também ajudaram a reconstruir o orgulho de uma comunidade.

## Rinascita: Ecos um Renascimento

Fundado em 1974 pelo maestro Rodrigo Augusto Tavares, o grupo Rinascita propôs uma viagem musical no tempo. Especializado na interpretação de obras medievais, renascentistas e barrocas com réplicas de instrumentos históricos, o conjunto trouxe a pesquisa musicológica para o cotidiano de uma cidade operária.

Em 1986, foi oficializado como corpo artístico municipal e, em 2010, reconhecido como patrimônio cultural imaterial de Cubatão — uma joia viva da história sonora brasileira.

## Nota Final

Hoje, quem visita Cubatão descobre que a cidade que um dia viveu sob a fumaça agora vibra ao som das melodias. A arte transformou a paisagem e as pessoas. Entre partituras e histórias, Cubatão reinventou sua imagem e seu destino. Mais do que grupos artísticos, a Banda Sinfônica, o Rinascita, o Zanzalá e tantos outros são expressões de pertencimento e beleza. Suas apresentações lotam igrejas, praças e auditórios — provando que, mesmo num vale industrial, o coração pode bater em compasso de música e emoção.

---

### Branco Bernardes

Maestro e contador de histórias musicais: à frente da Orquestra de Câmara Paulista, já levou a música para o rádio, para empresas e para o palco em formatos inovadores. Criador da série Para Gostar de Ouvir na Rádio Cultura FM. Doutor em Regência pela Unicamp, acredita que a música é ponte entre memória, identidade e emoção.

---





# CONHECER E PRESERVAR

## **O PAPEL DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARA O RECONHECIMENTO, IDENTIFICAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA LOCAL**

### **Entre memória e território**

A história de um local é muito mais do que um conjunto de fatos cronológicos; é um mosaico de experiências humanas, transformações territoriais e legados culturais que moldam a identidade de seus habitantes. Em cenários no qual a população está cada vez mais consciente de seu papel e responsabilidades socioambientais e culturais, a Educação Patrimonial emerge como uma ferramenta estratégica não apenas para a salvaguarda de bens materiais e imateriais, mas para o fomento de um senso de pertencimento e responsabilidade coletiva.

### **A Educação Patrimonial e sua relevância social**

A Educação Patrimonial transcende a mera transmissão de informações sobre monumentos antigos ou objetos históricos. Trata-se de um processo contínuo de aprendizagem que visa à apropriação e valorização do patrimônio cultural em suas múltiplas dimensões – material, imaterial, natural e arqueológica – por parte das comunidades. Seu objetivo primordial é desenvolver no indivíduo e no grupo social a consciência da pré-existência e da importância dos bens culturais para a construção da noção de lugar e identidade, promovendo, assim, uma ampliação das referências culturais em seu imaginário e uma relação crítica e transformadora com seu território físico e cultural. Diversos formatos e possibilidades são cabíveis para se alcançar os objetivos

e potencialidades da Educação Patrimonial, a qual, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), é definida como “todos os processos educativos formais e não-formais que têm como foco o patrimônio cultural, visando à apropriação por parte dos cidadãos dos bens e processos culturais, de modo a instrumentalizá-los para a compreensão crítica da realidade social, política e econômica do seu meio, agindo ativamente na busca da transformação social”. Esta síntese ressalta o caráter participativo da Educação Patrimonial, que não se restringe a museus ou instituições culturais, mas se expande para o cotidiano, para a paisagem urbana e natural, para as memórias materiais na arquitetura e na cidade e para as memórias vivas das pessoas.

## Um convite à experiência

Pessoas que compreendem o significado de um rio poluído, de um edifício histórico abandonado ou de uma tradição em extinção são mais propensas a defender sua conservação e a buscar ações que possam preservá-los e conservá-los. A preservação do patrimônio, além de ser uma tarefa coletiva que exige a participação engajada da população, também é um campo multidisciplinar, no qual diversas dimensões de um mesmo objeto se encontram e podem ser abordadas.

Ao sensibilizar os cidadãos para o valor intrínseco e extrínseco de seus bens culturais, a Educação







Acervo Assessoria Parque Caminhos do Mar

Patrimonial tem o potencial de transformá-los para reconhecer seu valor e defender sua preservação e conservação. Além disso, oferece também a oportunidade para uma dimensão mais subjetiva inerente à este tipo de trabalho, que é o encontro do sujeito com si mesmo, sua história individual, familiar e de sua comunidade local, pouco lembrada no debate público sobre esse tema. Num cenário de aceleração de experiências online, com pessoas de todas as idades e origens, dedicando cada vez mais tempo interagindo com telas, o mergulho e o contato com a experiência local e a história pessoal e familiar relacionada ao lugar emergem como ferramentas críticas para a compreensão do presente e para o autoconhecimento e valorização de sua história e origem num cenário histórico e social complexo como o brasileiro.

A promoção do diálogo entre gerações, seja através de histórias de vida, memórias afetivas e a transmissão de saberes de anciãos para jovens, fortalece os laços comunitários e assegura a continuidade de tradições e conhecimentos que de outra forma poderiam ser perdidos.

Ao compreender a história de seu entorno, os indivíduos reconhecem as raízes que os ligam a um lugar e a uma comunidade. O patrimônio, seja ele uma arquitetura reconhecida pela figura jurídica do tombamento, uma festa popular, uma técnica artesanal ou uma paisagem natural, é um elo com o passado que explica o presente, conecta histórias e identidades pessoais a uma história e um território dimensionados numa escala maior como a História de São Paulo, a História do Brasil e a História Geral.

Finalmente, o patrimônio cultural e natural é um recurso valioso para o desenvolvimento local. Através do turismo cultural, da valorização de produtos locais, da revitalização de centros históricos e da promoção de eventos tradicionais, o patrimônio pode gerar emprego e renda. A Educação Patrimonial é uma ação dentro de um quadro social que promove o desenvolvimento sustentável, ou seja, que engaja e educa para a compreensão e conservação dos bens culturais e ambientais, tornando as pessoas cientes do que é uma exploração predatória, por exemplo, promovendo o patrimônio como um legado a ser transmitido e não uma mercadoria a ser consumida velozmente.







## **História, Patrimônio e Potencial Pedagógico**

Localizada no litoral paulista, Cubatão é um palco peculiar para compreender a dinâmica da formação territorial brasileira, desde suas origens ancestrais até o complexo cenário da modernidade industrial. Neste território a Educação Patrimonial é uma ferramenta que tem o potencial de transformá-lo em um livro aberto, onde cada rua, edificação, rio ou paisagem narra capítulos de sua complexa história.

O território que hoje corresponde a Cubatão, era habitado predominantemente por povos indígenas da família linguística Tupi, principalmente os Tupiniquins e, mais ao norte do litoral, os Tamoios e Tupinambás, que deixaram vestígios de sua presença em sambaquis e sítios arqueológicos. A Educação Patrimonial, nesse contexto, deve reconhecer e promover essa presença primordial, desmistificando aquela ideia que já deveria estar superada de que a história brasileira começa com a colonização. A oralidade dos descendentes, os artefatos encontrados e os nomes de rios e localidades, como o próprio “Cubatão”, vindo da expressão “Cui-paita-ã”, a qual descreve uma elevação localizada na base da Serra do Mar, são elementos ricos para a exploração em sala de aula e em campo.

Com a colonização portuguesa, Cubatão ganhou importância estratégica como um ponto de passagem vital de ligação entre o litoral e o planalto paulista, como local de pouso e descanso para viajantes, exploradores, tropas e comerciantes antes do início da subida da Serra do Mar. Os Caminhos do Mar, em particular a histórica Calçada do Lorena, a Estrada da Maioridade e monumentos como o Pouso de Paranapiacaba e o Rancho da Maioridade, são testemunhos materiais desse tempo passado. Nesse contexto, a Educação Patrimonial pode explorar o papel dessa infraestrutura para a economia, a sociedade e a paisagem, o sistema organizado de trabalho escravo que sustentava todas essas realizações e as relações sociais da época.

Já no século XX, e de forma mais acentuada após a década de 1950, Cubatão passou por uma transformação intensa, tornando-se um dos maiores pólos industriais da América Latina, com a instalação de grandes unidades de produção para a formação da indústria de base no país, como a Refinaria Presidente Bernardes (RPBC) da Petrobras, da Companhia Siderúrgica Paulista (COSIPA, hoje Usiminas), da Usina Hidrelétrica Henry Borden (Light) e de diversas outras indústrias petroquímicas e de fertilizantes, atraindo uma vasta população de migrantes advindas de diversas regiões do Brasil em busca de trabalho.

## Raízes, cicatrizes e recomeços

A intensa industrialização sem a mitigação de impactos ambientais e sociais e sem instrumentos de fiscalização e compensação do Estado levou a graves problemas sociais e ambientais, transformando Cubatão num território tão inóspito para a vida humana que recebeu a alcunha de “Vale da Morte” na década de 1980 – um período marcado por escândalos ambientais de grandes proporções no Brasil e no mundo. Apenas em 1984 sua população vivenciou duas grandes tragédias humanas e ambientais, marcando esse ano na mente de muitos brasileiros: o incêndio na Vila Socó em Cubatão, provocado pelo vazamento de combustível de uma tubulação que ligava a Refinaria Presidente Bernardes da Petrobrás ao terminal portuário da Alemoa, em Santos e o vazamento de gás numa fábrica desativada de pesticidas da Union Carbide em Bhopal na Índia. Até mesmo memórias sociais como essas, que vêm sendo chamadas de “memórias difíceis” no campo da Preservação e Memória Social, por trazerem à tona sofrimento, perda, violência ou crimes, devem tomar parte numa proposta de Educação Patrimonial que tenha a integridade e a inclusão como valores de trabalho.

Num território com tanta história, recursos ambientais e diversidade social, a Educação Patrimonial para uma realidade como a do município de Cubatão apresenta muitas abordagens, entre as quais:

- **O Patrimônio Arqueológico, Arquitetônico e Urbanístico:** A identificação de artefatos arqueológicos, das construções de valor artístico e histórico e dos padrões urbanísticos que contam a história e desenvolvimento da cidade e de sua paisagem, por meio de roteiros de interpretação do patrimônio que podem ser realizados pela população da cidade e por visitantes e turistas.
- **Patrimônio Industrial:** As complexas estruturas das fábricas, a Vila Light (bairro planejado para os funcionários da Usina Henry Borden), os antigos armazéns e casarões da Cia. Santista de Papel são elementos que contam a história da engenharia, do trabalho e da economia brasileira. Através de visitas e estudos, é possível entender o processo de urbanização, a criação de vilas operárias e a dinâmica das relações de trabalho, os problemas ambientais que foram gerados, a transformação da proteção ambiental na sociedade brasileira a partir da década de oitenta e as medidas e ações que levaram à transformação de Cubatão.







Ed Santana

- **Patrimônio Ambiental:** A recuperação ambiental de Cubatão, que a levou a ser reconhecida pela ONU como “Cidade Símbolo da Ecologia”, é um exemplo mundial de superação. A Educação Patrimonial pode focar nos ecossistemas da Serra do Mar, na recuperação de rios e manguezais, e nas políticas públicas e engajamento comunitário que tornaram essa transformação possível. Este é um patrimônio imaterial de conhecimento e resiliência ambiental, que precisa ser valorizado e transmitido.
- **A Valorização da Memória Social:** A história de Cubatão é rica em depoimentos de trabalhadores migrantes, de famílias que viram a cidade crescer e se reerguer. As festas populares, as culinárias regionais trazidas pelos migrantes. A coleta de histórias orais, a valorização de manifestações culturais e a celebração das diversidades presentes na cidade são eixos fundamentais.

Conclusão: Educação Patrimonial para Territórios Resilientes e em Transformação

## O futuro que nasce do passado

No cenário brasileiro, educar para o reconhecimento, preservação da memória e a consolidação da identidade local é uma estratégia de reconhecimento do legado cultural e ambiental. Como tal, um investimento em cidadania e direitos culturais que ainda deve conquistar seu espaço como instrumento privilegiado para promover ações, projetos e programas no campo da Educação e Cultura com qualidade, relevância e impacto social.

Cubatão como muitas cidades brasileiras, carrega em sua história a complexidade da colonização, o vigor da industrialização e a vitória sobre desafios ambientais, o patrimônio cultural e natural se apresenta como um recurso pedagógico inestimável. É neste recurso que está a potência de reconexão com o lugar, sua história e seu passado promovendo a perspectiva de que este presente é uma construção do passado, e que as escolhas de uma comunidade local determinam o futuro de um território.

---

Raquel Nery

Arquiteta e Urbanista, Preservacionista. Mestre em Projeto, Espaço e Cultura pela FAU USP. Fundadora do Movimento São Paulo Restaura e Memória.

---

# CULTURA EM MOVIMENTO

## **NOVE TERRITÓRIOS, UMA RIQUEZA: COMO A BAIXADA SANTISTA REDESCOBRE A SI MESMA ATRAVÉS DO TURISMO CULTURAL**



Leila Bomfim/Shutterstock

Jovem da tribo Guarani da Terra Indígena Ribeirão Silveira, Bertioga, SP.

Quando estruturamos a Política Nacional Aldir Blanc em Mongaguá, recebemos mais de 50 inscrições de artistas indígenas. Este número transformou minha compreensão sobre a Baixada Santista — significava demanda reprimida de reconhecimento, vozes querendo ser ouvidas, conhecimento ancestral esperando ser valorizado. Se Mongaguá oferece este potencial extraordinário, cada um dos oito outros territórios carregava riqueza própria inigualável. Juntos, formam o que chamamos de região inteligente — não pela infraestrutura, mas pela capacidade de oferecer experiências autênticas que transformam visitantes enquanto preservam comunidades.

Este crescimento materializa-se em novos territórios distintos, cada um com especialidade própria. Bertioga guarda narrativas de ocupação portuguesa e resistência indígena através de fortificações históricas (Forte de Santo Amaro, 1584) candidata à Patrimônio da Humanidade. Guarujá funciona como porta de entrada natural da região, seu desenvolvimento urbano e patrimônio construído atrai visitantes que depois descobrem os demais territórios. Itanhaém é ocupação portuguesa ancestral viva, fundação que ainda pulsa nas ruas oferecendo compreensão do processo de colonização brasileira. Mongaguá é onde acontece o reconhecimento indígena, com mais de 50 artistas





Acervo / Prefeitura Municipal de Mongaguá

Janela do Rancho da Maioridade na histórica Estrada Velho de Santos com vista para a Refinaria Presidente Bernardes, Cubatão, SP.

contemplados no PNAB. Peruíbe preserva 500 anos de tradição caiçara com povos ribeirinhos vivendo práticas sustentáveis porque aprenderam a viver assim. Praia Grande é contemporaneidade em harmonia — desenvolvimento urbano compatível com lazer. Santos oferece narrativa que moldou o Brasil através da Rota do Café candidata a Patrimônio Mundial, conhecimento portuário único, turismo intelectual. São Vicente é a fundação portuguesa original, história que antecede Santos.

Mas o que esses números representam em termos humanos?

Em Mongaguá, artistas indígenas têm seus projetos reconhecidos, a música tradicional é valorizada e as oficinas geram renda.

Em Peruíbe, a cozinheira da gastronomia caiçara é reconhecida como especialista e transforma receitas de família em patrimônio profissional.

Em Cubatão, o guia ambiental formado em educação sustentável compartilha seu conhecimento sobre recuperação da mata, fortalecendo saberes locais.

Em Santos, o historiador especializado na Rota do Café oferece uma experiência intelectual que conecta passado e presente.

Todos esses dados mostram como a economia criativa nacional cresceu significativamente, somando 3,59% do PIB Nacional, segundo dados recentes. Em Santos, os números são particularmente expressivos: 305,7% de crescimento de empregos em impostos da economia criativa entre 2015 e 2024, com admissões

no setor cultural de 8.175 trabalhadores da cultura e arrecadação de turistas triplicando em dois anos. Leis de incentivo como a Lei Paulo Gustavo e a Política Nacional Aldir Blanc avançam na fundação financeira real — não é promessa, é recurso que estrutura programas, forma profissionais, valida conhecimentos. As candidaturas UNESCO em processo (Rota do Café em Santos, Fortificações em Bertioga) sinalizam reconhecimento internacional que chegará. O fluxo de 10 a 12 milhões de turistas anuais demonstra demanda robusta — os visitantes já chegam, a questão é se encontram autenticidade ou simulação.

O turismo pode ser exploração ou reconhecimento. A diferença está na estrutura municipal de cultura que confirma a comunidade como protagonista. Conselhos de Cultura atuantes na região, agentes territoriais específicos e políticas de formação garantem que os trabalhadores da cultura sejam ouvidos, projetos criativos sejam viáveis e o conhecimento ancestral seja remunerado como núcleo do turismo, não adição. Quando o visitante paga por gastronomia caçara autêntica, a comunidade decide: “Vou continuar fazendo isto porque meu conhecimento é valorizado.” Isto não é nostalgia — é escolha ativa de preservação.

Diego Grandi/Shutterstock



Estação do Valongo - Santos/SP. Ponto de partida do bonde turístico que conduz visitantes pelos caminhos históricos da cidade.





Primeira procissão de Iemanjá em Praia Grande, SP em 2024.

Quando um artista indígena oferece oficina porque foi contemplado no PNAB, a comunidade decide manter viva a tradição porque recebe reconhecimento e remuneração. Isto não é folclore — é expressão viva de uma cultura que permanece atual.

Quando o guia ambiental compartilha seu conhecimento em uma profissão reconhecida, a comunidade reafirma seu papel como guardião do saber, transformando tradição em oportunidade.

Isto não é ativismo — é uma economia sustentável que valoriza pessoas e territórios.

Crescimento de 305,7% significa algo apenas quando vem acompanhado de permanência da comunidade nos territórios. Quando o artista é bem pago, permanece. Quando o profissional é reconhecido,

mantém a tradição. Quando o guia ambiental recebe um salário digno, ele investe localmente. Isto é saúde econômica genuína: as pessoas encontram oportunidades dignas em seus próprios territórios. Resultado: comunidades se fortalecem, identidades culturais se consolidam, conhecimentos se transmitem entre gerações e a natureza se preserva.

Para os gestores municipais da Baixada Santista, seu maior ativo não é a praia — é uma identidade cultural enraizada. Um Sistema Municipal de Cultura bem estruturado transforma isso em credencial turística genuína. Para as comunidades: seus conhecimentos, histórias e modos de viver são riquezas que, quando organizadas com intenção e respeito, se apresentam dignamente ao visitante que busca experiências

autênticas. Para os profissionais criativos: as leis de incentivo existentes foram criadas para reconhecer e fortalecer o trabalho de quem faz a cultura acontecer. Para os visitantes: ao escolherem o turismo cultural na Baixada Santista, optam por experiências genuínas e contribuem para a valorização de comunidades que preservam suas identidades e modos de vida. A Baixada Santista está diante de uma oportunidade histórica. Cultura e turismo — quando integrados com intencionalidade e respeito — representam os dois setores centrais para geração de renda comprometida e permanente nos nove municípios desta

região. Não é futuro distante. É presente que está sendo construído agora, a cada estrutura criada, a cada artista e guia de turismo reconhecido, a cada visitante que encontra autenticidade.

Modelo em que a economia não extrai, mas reconhece. Em que a renda não se concentra, mas se distribui entre milhares de pessoas. Em que a identidade cultural não é mercadoria turística, mas um patrimônio vivo mantido por comunidades que encontram dignidade em compartilhá-lo. E em que a natureza não é apenas cenário, mas protagonista preservada por quem aprendeu a viver em harmonia com ela.



Tadeu Filho

Festival de Quadrilhas Juninas de São Vicente/SP. Na foto Junina São Pedro.





Robalo Nativo: filé de robalo grelhado servido com pirão e banana da terra.

Isso não depende de promessas futuras, mas de uma decisão presente: colocar a cultura no centro das políticas locais.

Aproveitar plenamente as leis de incentivo. Fortalecer e capacitar as comunidades.

Reconhecer o protagonismo da diversidade. Valorizar os trabalhadores criativos, e integrar o turismo com propósito e respeito.

A Baixada Santista possui tudo o que precisa para ser modelo nacional de como turismo e cultura geram renda qualificada enquanto preservam comunidades, territórios e identidades. Os novos territórios estão prontos. Os dados comprovaram as previsões. Os visitantes procuram experiências. Falta apenas a decisão coletiva de construir isto. Porque quando o turismo e a cultura funcionam com intencionalidade e respeito, uma região inteira próspera. E isso é construção que pertence a todos.

---

### Paulo Barros

Ator, Empreendedor e Produtor do Setor de Turismo e da Cultural, é fundador da Plataforma Culturis e da Oficinacult

---

### Ana Luiz Pradela

Empreendedora e Produtora do Setor de Turismo e da Cultural, é fundadora da Plataforma Culturis e da Oficinacult

---

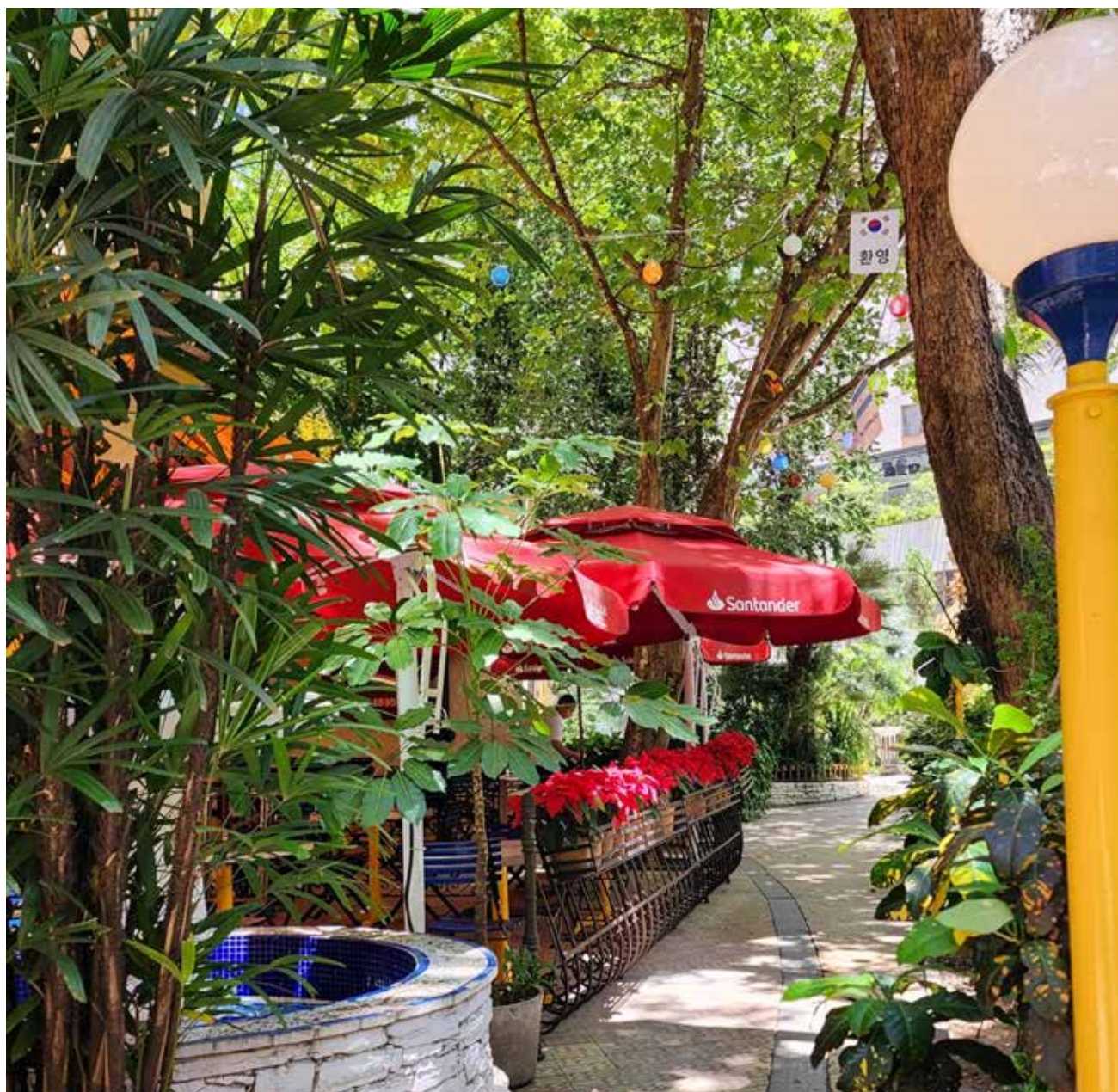


Restaurante Pau do Índio, Peruíbe, SP.



# PANORAMA SP

## RUA AVANHANDAVA: O CHARME EUROPEU NO CORAÇÃO DE SÃO PAULO



Acervo Pessoal



Localizada a poucos metros da Rua Augusta, no centro de São Paulo, a Rua Avanhandava é hoje um dos destinos turísticos mais emblemáticos da capital paulista. Com sua atmosfera acolhedora e inspiração italiana, tornou-se referência em gastronomia, cultura e urbanismo, atraindo visitantes do Brasil e do exterior. O percurso de sua transformação, entretanto, revela uma história de resiliência urbana e de visão empreendedora.

A via foi aberta em 1929, após a construção da Avenida Nove de Julho, em um antigo barranco do córrego Saracura. Projetada pela Companhia City, nasceu como uma rua residencial, ocupada por famílias de classe média. Com o avanço do tempo e as mudanças no centro da cidade, a região entrou em decadência nas décadas de 1970 e 1980, quando o abandono e a degradação atingiram boa parte do entorno.

O início da reviravolta - Em 1980, o empresário Walter Mancini inaugurou o restaurante Famiglia Mancini Trattoria e rapidamente se destacou pela culinária italiana autêntica e pela atmosfera familiar. A partir de 1990, Mancini passou a adquirir outros imóveis na rua, investindo em uma transformação completa da área. Seu objetivo era resgatar o charme e o convívio urbano, criando um espaço onde gastronomia, arte e bem-estar se encontrassem.



Acervo Pessoal

A grande revitalização urbana da Rua Avanhandava ocorreu em 2006, em parceria com a Prefeitura de São Paulo e com apoio de uma associação de restaurantes. O projeto incluiu novo calçamento, duas fontes ornamentais, paisagismo com plantas ornamentais e trepadeiras, além de iluminação cênica com centenas de luzes coloridas. As intervenções tornaram a via um dos espaços mais agradáveis para o passeio noturno na capital, marcando-a como uma das primeiras ruas revitalizadas de forma exemplar em São Paulo.

O significado da rua - O nome "Avanhandava", de origem tupi, significa "lugar de forte correnteza" ou "lugar da corrida dos homens". A denominação faz referência ao Salto de Avanhandava, conjunto de quedas d'água do Rio Tietê, na região de Araraquara. Assim como o significado de seu nome, a rua simboliza a força e o movimento constantes da cidade de São Paulo.



Acervo Pessoal

Inspirada em vilas italianas, a rua adota conceitos modernos de urbanismo, como o *traffic calming*, que reduz a velocidade de veículos e privilegia a circulação de pedestres. O piso ecológico permite a absorção da água da chuva, enquanto o acesso é facilitado para pessoas com deficiência, tornando o local um exemplo de funcionalidade e sustentabilidade no centro histórico da metrópole.

Hoje, a Rua Avanhandava abriga diversos empreendimentos do Grupo Mancini, entre cantinas, pizzarias e espaços culturais, além de outros estabelecimentos que reforçam seu caráter cosmopolita. A decoração é marcada por detalhes artísticos, mosaicos, esculturas e letreiros em ferro forjado, compondo um cenário que remete às pequenas ruas de Roma ou Florença.

A beleza arquitetônica - Combinada à excelência gastronômica, transformou a via em um dos principais polos turísticos de São Paulo, atraindo tanto executivos e casais quanto famílias e grupos de amigos. Durante os fins de semana, é comum ver turistas fotografando as fontes, apreciando o paisagismo e registrando a atmosfera romântica que se destaca especialmente à noite, sob as luzes que adornam as fachadas.



Acervo Pessool

Mesmo enfrentando desafios, como o impacto da pandemia e os custos de manutenção, a Rua Avanhandava manteve seu brilho graças ao empenho conjunto de empresários e moradores. O espaço consolidou-se como símbolo de resistência e reinvenção, preservando a tradição enquanto incorpora práticas modernas de gestão urbana.

Mais do que um endereço gastronômico, a Rua Avanhandava representa o reencontro de São Paulo com sua própria história. É um exemplo de como a iniciativa privada, aliada ao poder público, pode

revitalizar áreas degradadas e transformá-las em referências de turismo e convivência. Em meio ao ritmo intenso da metrópole, ela oferece um convite à pausa: um lugar para caminhar, apreciar a arte, saborear a culinária e sentir o pulsar da cidade em seu estado mais encantador.



Acervo Pessool

Com seu equilíbrio entre tradição e modernidade, a Rua Avanhandava tornou-se um ícone da hospitalidade paulistana. É um espaço de memórias e celebrações, onde o visitante é recebido como em uma autêntica vila europeia, em plena Avenida Nove de Julho — um lembrete de que, mesmo no coração de uma metrópole em constante movimento, ainda há recantos onde o tempo parece desacelerar para permitir que se aprecie a beleza da vida urbana.



Acervo Pessool



A magia transformando refeições em experiências - Entre os muitos encantos que fazem da Rua Avanhandava um dos destinos gastronômicos mais visitados de São Paulo, há uma presença que transcende o sabor e o aroma dos pratos: o mágico Giovanni Bright, conhecido carinhosamente como Mr. Bright. Há 20 anos, ele transforma os restaurantes da Família Mancini em verdadeiros palcos de emoção, onde a magia acontece não apenas nas mãos, mas nos corações de quem o assiste.



Acervo Pessoal

Sua atuação vai muito além dos truques de ilusionismo. Mr. Bright é parte viva da atmosfera acolhedora criada por Walter Mancini, restaurateur e idealizador da revitalização da Rua Avanhandava. Juntos, formam uma parceria que une arte, hospitalidade e encantamento, elementos que consolidam a experiência de visitar os restaurantes da família como algo que ultrapassa o simples ato de comer fora. Durante duas décadas, o mágico percorreu as mesas da rede levando alegria, leveza e surpresa a crianças e adultos. Sua presença tornou-se símbolo de afeto e continuidade — uma tradição que acompanha gerações de frequentadores. A celebração pública de seus 20 anos de trajetória, em setembro de 2025, reforçou o vínculo entre artista, público e a “grande família” Mancini, com homenagens emocionadas nas redes sociais e depoimentos de clientes que guardam na memória os momentos mágicos vividos ali.

Em um cenário turístico e gastronômico tão competitivo como o paulistano, atrações como a de Mr. Bright representam um diferencial inestimável. Elas humanizam a experiência, aproximam as pessoas e transformam o jantar em uma lembrança inesquecível. A magia se torna um elo entre o sabor da cozinha italiana e o encanto da convivência, reafirmando a Avanhandava como um espaço de cultura, arte e emoção.

Mais do que um artista, Mr. Bright é um guardião do encantamento. Sua arte devolve às pessoas o olhar curioso da infância, reacende a capacidade de se surpreender e faz da mesa um lugar de reencontros — com o outro e com a própria alegria. É essa dimensão afetiva que transforma a Família Mancini em um destino turístico completo: onde se come bem, se sente acolhido e, sobretudo, se acredita na magia da vida.



Acervo Pessoal



Acervo Pessoal

## Personalidade: Walter Mancini

Empresário e restaurador que transformou a Rua Avanhandava em ícone do turismo paulistano, Walter Mancini é uma das figuras mais emblemáticas da gastronomia e da vida cultural de São Paulo. Responsável pela revitalização da Rua Avanhandava, no centro da cidade, Mancini construiu um verdadeiro império gastronômico e consolidou a via como um dos principais polos turísticos da capital paulista. À frente do célebre Famiglia Mancini Trattoria e de outros empreendimentos, ele transformou um trecho antes degradado em um cenário de charme europeu, símbolo de hospitalidade, arte e boa mesa.

A trajetória de Mancini está profundamente ligada à efervescência da vida noturna paulistana. Aos 17 anos, iniciou sua carreira como DJ e decorador de boates, atuando em casas icônicas como La Cave e TonTon, que marcaram os anos de ouro das discotecas. Essa vivência o aproximou da música, da estética e do comportamento urbano, despertando seu olhar apurado para o ambiente e para o público. Foi ali que desenvolveu o senso de ritmo, iluminação e atmosfera — elementos que mais tarde se tornariam diferenciais em seus restaurantes. Durante a década de 1970, a noite paulistana pulsava no centro da cidade, reunindo artistas, empresários e intelectuais. Mancini acompanhou esse movimento de perto e percebeu o potencial cultural da região.



Ao observar a decadência gradual do centro nos anos 1980, enxergou, onde muitos viam abandono, a oportunidade de recomeço. Foi nesse contexto que, em 1980, inaugurou o Famiglia Mancini Trattoria, um restaurante de culinária italiana inspirado nas tradições familiares e na hospitalidade mediterrânea. O sucesso foi imediato. Com o passar dos anos, Mancini ampliou seus negócios e passou a adquirir outros imóveis na Rua Avanhandava, conduzindo um processo de revitalização urbana que uniu empreendedorismo, arte e urbanismo.



Acervo Pessoal

O restaurador sempre defendeu uma filosofia de trabalho pautada pelo amor à profissão e pela busca do sonho, e não pela simples obtenção de lucro. Para Mancini, “o dinheiro é consequência do trabalho bem feito”. Ele é conhecido por sua dedicação ao cotidiano dos restaurantes, observando o movimento dos clientes e cuidando pessoalmente dos detalhes, da música ambiente à apresentação dos pratos.

A inteligência coletiva é outro conceito central em sua gestão. Mancini acredita que o sucesso de seu grupo de restaurantes resulta da colaboração entre funcionários, fornecedores e clientes. Em suas palavras, “ninguém faz nada sozinho”. Essa visão humanista e participativa o levou a construir uma equipe sólida e criativa, capaz de manter o padrão de excelência que caracteriza a marca Mancini.



Acervo Pessoal

A influência de Walter Mancini ultrapassa o campo da gastronomia. Sua atuação foi decisiva para a valorização do centro histórico de São Paulo, inspirando outras iniciativas de requalificação urbana. A Rua Avanhandava tornou-se um símbolo de renascimento e elegância, atraindo turistas, famílias e casais que buscam uma experiência completa: boa comida, atendimento personalizado e um ambiente de beleza singular.



Acervo Pessoal

Hoje, o conjunto de estabelecimentos criados por Mancini reúne não apenas restaurantes, mas também espaços culturais e de eventos, consolidando a área como um ponto de referência para o turismo paulistano. Sob as luzes coloridas que enfeitam as fachadas e ao som das músicas italianas, o visitante encontra um refúgio que combina tradição, arte e modernidade.

**Mauricio Coutinho**

Jornalista, produtor cultural, organizador de eventos, criador de conteúdo digital, escritor, editor da Revista Paulista

# SÃO PAULO DE TODOS OS POVOS ITALIANITÀ PAULISTANA

Na noite de 24 de janeiro, o São Paulo de Todos os Povos transforma o Edifício Itália em palco de uma celebração rara e inesquecível pelos seu 457 anos.

**POUQUÍSSIMOS LUGARES. RESERVE JÁ**

[contato@forumbrasilturismocultural.com.br](mailto:contato@forumbrasilturismocultural.com.br)  
[forumbrasilturismocultural.com.br](http://forumbrasilturismocultural.com.br)  
[@forumbrasilturismocultural](https://www.instagram.com/forumbrasilturismocultural)



**NO CORAÇÃO DA CIDADE, UM BRINDE  
À ITÁLIA QUE VIVE EM SÃO PAULO**

Organização



Apoio







EDIFICIO ITÁLIA



# NOVOS CAMINHOS

## **TURISMO SUSTENTÁVEL E RESPONSÁVEL: CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO CONSCIENTE**

O turismo sustentável e responsável vai além da atividade econômica: é uma prática que respeita o meio ambiente, valoriza as comunidades locais e busca minimizar os impactos negativos da atividade turística. Ele envolve todos os segmentos do setor — de empreendimentos a serviços — e propõe ações que promovam inclusão, segurança e desenvolvimento social.

No Brasil, essa abordagem é liderada pelo Ministério do Turismo, por meio da Coordenação-Geral de Turismo Sustentável e Responsável (CGTURES). A área é responsável por definir diretrizes e implementar políticas alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, com foco na adaptação às mudanças climáticas e na promoção de práticas éticas e inclusivas.

Acervo Assessoria Parque Caminhos do Mar





Acervo Assessoria Parque Caminhos do Mar

Entre as iniciativas destacam-se:

- O Plano Nacional de Turismo (PNT) 2024–2027, que visa posicionar o Brasil como líder em turismo na América do Sul, com foco em sustentabilidade, acessibilidade e geração de renda.
- O Código de Conduta Brasil, que orienta empresas e profissionais do setor a adotarem medidas contra a exploração sexual de crianças e adolescentes.
- O projeto “Brasil, essa é nossa praia!”, que oferece suporte técnico para a gestão responsável das áreas costeiras e incentiva boas práticas entre gestores, comunidades e turistas.

Essas ações mostram que o turismo pode e deve ser uma força positiva para o desenvolvimento sustentável, promovendo experiências seguras, éticas e transformadoras para todos os envolvidos

---

Fábio Tatsubô

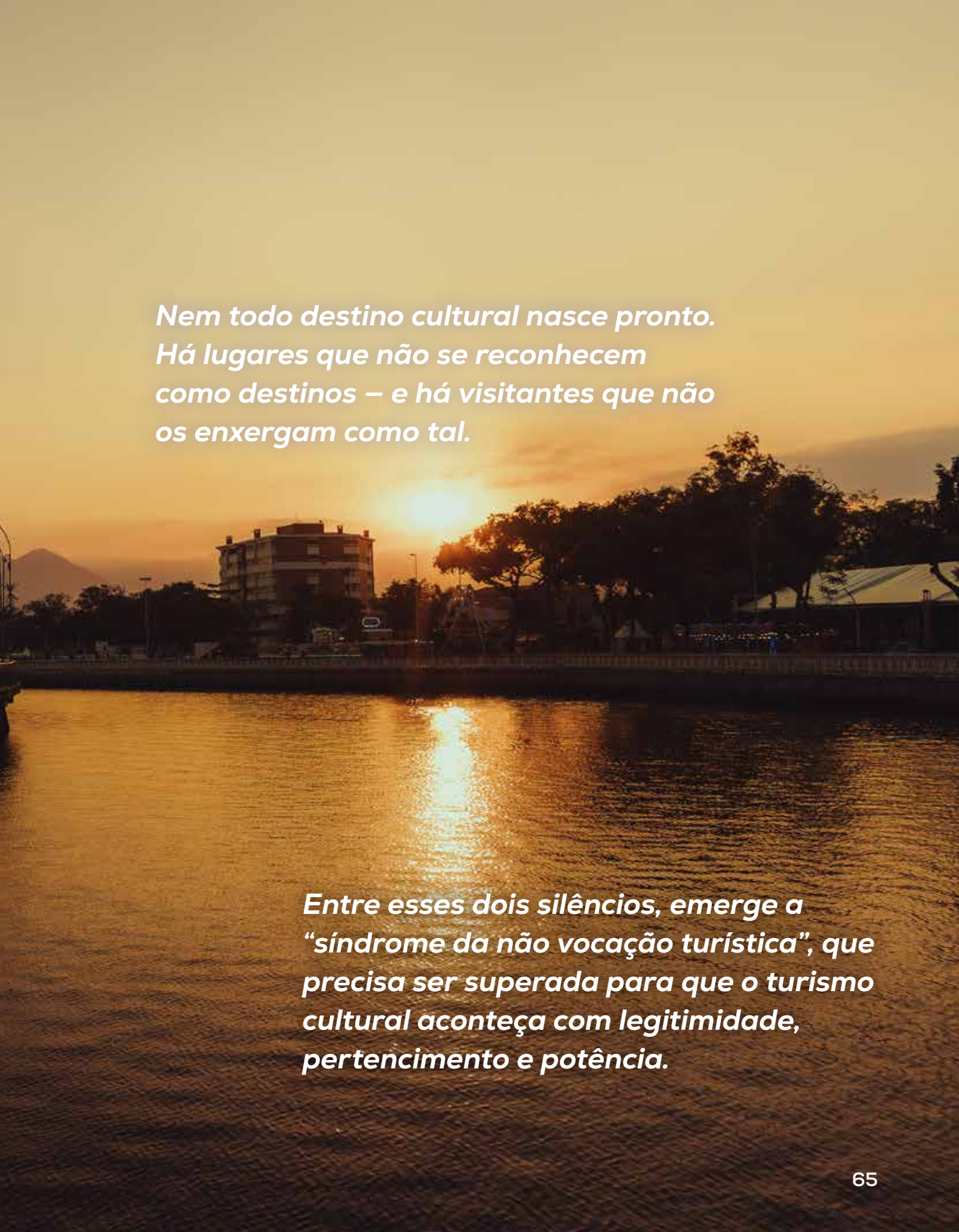
Diretor do Departamento de Política Pública dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável na Prefeitura de Santos; Coordenador do Comitê ODS Santos 2030.

---

# PATRIMÔNIO FUTURO

Thiago Cunha



A photograph of a sunset over a body of water. The sun is low on the horizon, creating a bright, shimmering reflection on the water's surface. In the background, there are silhouettes of trees and a multi-story building. The sky is a warm, golden-orange color.

*Nem todo destino cultural nasce pronto.  
Há lugares que não se reconhecem  
como destinos – e há visitantes que não  
os enxergam como tal.*

*Entre esses dois silêncios, emerge a  
“síndrome da não vocação turística”, que  
precisa ser superada para que o turismo  
cultural aconteça com legitimidade,  
pertencimento e potência.*









## COMO UM LUGAR SE TORNA UM DESTINO DE TURISMO CULTURAL: COMECE PELA SUPERAÇÃO DA SÍNDROME DA NÃO VOCAÇÃO TURÍSTICA

Em muitos municípios brasileiros, o turismo cultural ainda é visto como um privilégio de cidades históricas, grandes centros artísticos ou regiões com festas consagradas. Essa visão limitada gera um fenômeno que podemos chamar de “síndrome da não vocação turística” — uma crença de que o lugar não tem atrativos suficientes, relevantes ou interessantes para ser promovido como destino. Essa percepção, embora compreensível, é equivocada — e representa um dos maiores obstáculos ao desenvolvimento turístico de inúmeras localidades.

Embora não seja um conceito formalizado na literatura, essa expressão sintetiza uma postura recorrente de desvalorização simbólica do território, que desestimula investimentos, planejamento e mobilização comunitária. Trata-se de uma expressão analítica e crítica que vem sendo usada por estudiosos e profissionais do turismo para descrever a percepção equivocada de que certos lugares não têm potencial turístico — especialmente cultural — por não abrigarem atrativos considerados “convencionais” ou “magníficos”<sup>1</sup>. Essa concepção emergente é aqui expressa para provocar reflexão e romper com o paradigma de que apenas lugares com grandes monumentos ou com acervos relevantes ou mesmo festas famosas podem ser destinos culturais. Ela ajuda a abrir espaço para uma releitura dos territórios e para o reconhecimento da cultura viva e cotidiana como potência turística.

Entretanto, é importante destacar que essa síndrome não afeta apenas quem vive no lugar, mas também quem o observa de fora.

<sup>1</sup> Um texto relevante que discute essa ideia, embora sem usar exatamente esse termo, é o artigo de João Henrique de Oliveira Christovão sobre a gênese do turismo em Cabo Frio, publicado nos anais da ANPUH. Nele, o autor questiona a noção de “vocação natural” para o turismo e propõe uma leitura crítica sobre como essa ideia foi construída historicamente. Cf. Christovão, João Henrique de Oliveira. 2011. “A gênese do turismo em Cabo Frio: entre vocações e invenções.” Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho.





Há uma tendência recorrente de olhar para certos territórios e não enxergar neles um destino. O que falta, nesses casos, não é atrativo — é leitura. É preciso reler os lugares, descobrir sua fisionomia cultural, seus traços, seus gestos, seu jeito de ser. O turismo cultural começa com o olhar que reconhece o valor onde antes havia apenas rotina. E, neste sentido, é fundamental entender o conceito de atrativo turístico como qualquer elemento capaz de despertar o interesse do visitante, proporcionando uma experiência significativa. Ele pode ser natural, histórico, cultural, gastronômico ou simbólico — desde que seja interpretado e estruturado para gerar valor.<sup>2</sup>

Assim, transformar um território em destino de turismo cultural não é apenas uma questão de divulgar o que já existe. É um processo estratégico, sensível e coletivo, que começa com o reconhecimento da identidade local. Toda cidade tem cultura — mas nem toda cidade sabe enxergá-la. Os saberes populares, os modos de vida, as histórias orais, os gestos cotidianos — tudo isso compõe um patrimônio que, quando bem interpretado, pode se tornar experiência turística.

Essa interpretação é o que chamamos de **curadoria cultural** — um conceito que vem ganhando força nas políticas públicas e na museologia contemporânea. A curadoria cultural consiste em selecionar, organizar e apresentar elementos culturais de forma coerente e significativa, criando narrativas que conectam o visitante ao território. Ela transforma fragmentos em sentido, e sentido em experiência<sup>3</sup>. E complementar à curadoria está a **mediação cultural**, definida por autores como Edmir Perrotti e Mônica Zewe Uriarte como o processo de diálogo

2 SEBRAE-SP. 2016. *Caderno de Atrativos Turísticos*. São Paulo: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

3 Cf. CARVALHO, Ananda. 2019. Espacialização de conceitos curatoriais. *Revista ARA*, v.6.

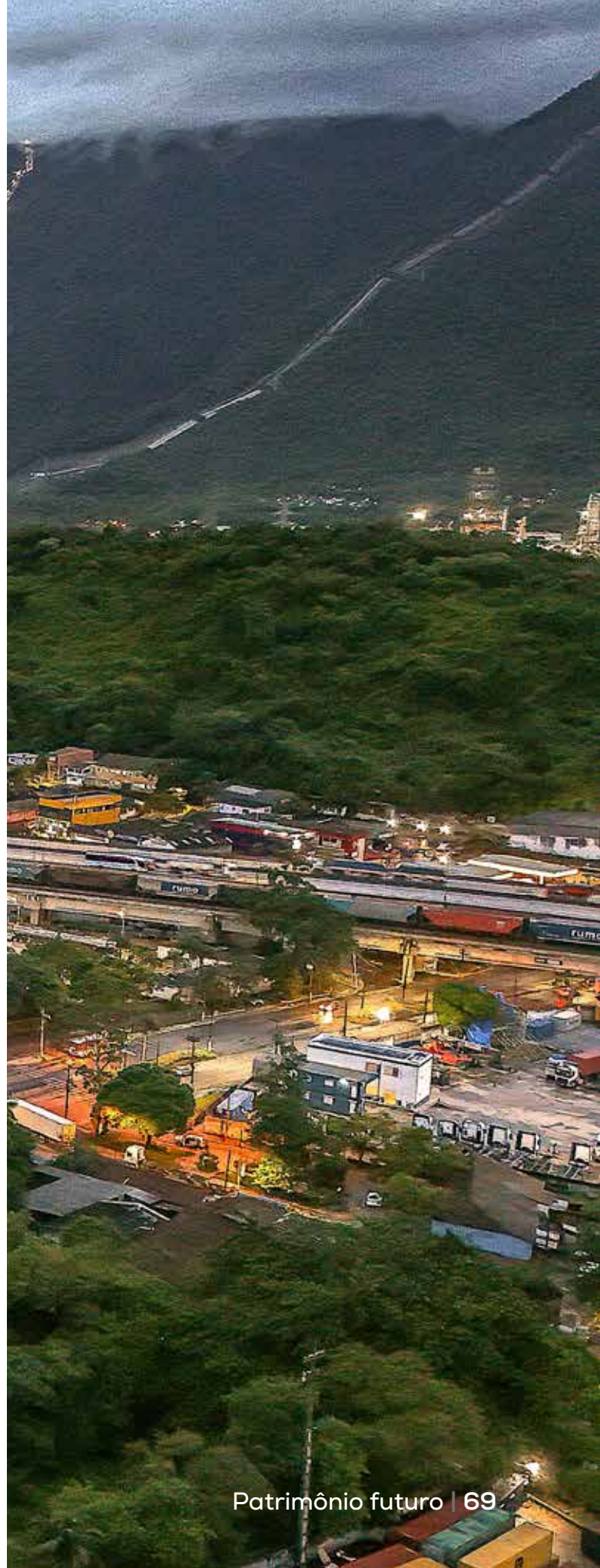


entre sujeitos, saberes e contextos<sup>4</sup>. A mediação cultural não é apenas explicação — é construção de sentidos, troca simbólica, escuta ativa. É o que permite que o visitante não apenas veja, mas compreenda, sinta e se envolva com aquilo que vê, observa, interage e vivencia.

Mas, os atrativos não falam por si: é preciso conectá-los, contextualizá-los, dar-lhes sentido. Uma trilha, por exemplo, pode ser apenas um caminho na mata — ou pode se tornar um roteiro de memória, com histórias contadas por moradores, paradas simbólicas e produtos locais. O ordinário se torna extraordinário quando há, portanto, mediação.

E não basta ter conteúdo: é preciso estrutura. Um destino turístico requer planejamento territorial, infraestrutura adequada, serviços de qualidade, acessibilidade e hospitalidade. Sem isso, o visitante pode até chegar, mas não permanece — e muito menos retorna e o recomenda. A promoção turística, portanto, deve ser o último passo de uma cadeia que começa com escuta, estruturação e valorização da cultura local. Isto, porque é fundamental compreender, *a priori*, que não basta que o lugar se reconheça como destino — é preciso que o olhar de fora também seja capaz de enxergá-lo como tal. Essa é uma importante reflexão para a promoção e leitura dos lugares como destinos turísticos, pois a promoção turística é uma ação de dentro para fora — a oferta se apresenta à demanda. Mas ela só é eficaz quando há uma leitura sensível do território e uma comunicação capaz de **sensibilizar o olhar externo**. Muitos visitantes não enxergam certos lugares como destinos de turismo cultural porque foram condicionados a buscar o monumental, o espetacular, o consagrado. É preciso romper com esse paradigma e **educar o olhar turístico**, mostrando

4 Cf. Perrotti, Edmir, e Pieruccini, Ivete. 2014. "A mediação cultural como categoria autônoma." *Informação & Informação* 19 (2): 1–22.



que há valor na simplicidade, na memória viva, na cultura cotidiana. A “síndrome da não vocação turística” não é apenas uma crença interna — é também um reflexo da forma como o turismo convencional moldou a percepção da demanda.

Nesse âmbito, é fundamental o envolvimento da comunidade. O turismo cultural só é legítimo quando promove pertencimento, renda e protagonismo. Esses três pilares fundamentais não são elementos apenas desejáveis — são estruturantes<sup>5</sup>. Sem eles, o turismo corre o risco de se tornar extrativista, superficial ou até mesmo invasivo.

O primeiro pilar é o pertencimento. Para que o turismo cultural seja legítimo, a comunidade local precisa se reconhecer naquilo que está sendo mostrado. A narrativa construída deve refletir a identidade do território, e não uma caricatura moldada para agradar visitantes. Quando há pertencimento, o turismo fortalece o orgulho, a memória e o vínculo dos moradores com seu lugar. O território deixa de ser apenas cenário e passa a ser espaço vivido e reconhecido.

O segundo pilar é a renda. Muitas vezes negligenciada, a dimensão econômica é essencial. A cultura não pode ser apenas vitrine — precisa ser fonte de vida digna. O turismo cultural deve gerar benefícios concretos para quem sustenta a experiência: mestres da cultura, guias locais, artesãos, cozinheiras, artistas, produtores, entre tantos. Isso significa remuneração justa, circulação de recursos na economia local e estímulo à economia criativa. Sem renda, o turismo cultural se torna exploração simbólica — e não desenvolvimento.

<sup>5</sup> Diante da relevância conceitual dos três pilares abordados – pertencimento, renda e protagonismo no turismo cultural – cabem citar obras que fundamentam essas dimensões. Para o pertencimento, destacam-se Canclini (2008), ao tratar da construção simbólica das identidades culturais, e Hernández (2000), que propõe a leitura crítica dos territórios como prática educativa. A dimensão da renda é sustentada por Barretto (2000), que discute o turismo como valorização econômica do patrimônio, e pelo relatório da UNESCO (2013), que posiciona a cultura como vetor de desenvolvimento sustentável. Já o protagonismo encontra respaldo em Coriolano (2014), ao abordar o turismo comunitário como prática de autoria territorial. Cf. **Canclini, Néstor García**. 2008. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp; **Hernández, Fernando**. 2000. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed; **Barretto, Margarita**. 2001. *Turismo e Legado Cultural*. Campinas: Papirus, 2001; **UNESCO**. 2013. *Cultura: um recurso para o desenvolvimento sustentável*. Relatório Mundial; **Coriolano, Luzia Neide M.** 2014. *Turismo comunitário e protagonismo local*. Fortaleza: EdUECE;







O terceiro pilar é o protagonismo. A comunidade não pode ser figurante no processo turístico — precisa ser autora. O protagonismo implica participação ativa na definição do que mostrar, como mostrar e por que mostrar. Significa gestão compartilhada, escuta, formação e corresponsabilidade. Quando há protagonismo, o turismo respeita os tempos, os limites e os desejos da comunidade, e se torna ferramenta de cidadania.

O turismo cultural, quando bem estruturado, é capaz de valorizar a diversidade cultural frente à homogeneização provocada pela globalização, promovendo o encontro com o diferente e o diálogo intercultural. Além disso, pode estimular novos comportamentos, favorecendo o respeito às diferenças, às minorias e às liberdades por meio de vivências e trocas interpessoais. Ao transformar os recursos culturais existentes em produto turístico, o turismo cultural também contribui para a educação, a aprendizagem e a mudança de atitude entre residentes e visitantes. No entanto, cabe o alerta para os riscos a que pode estar submetida essa atividade como a exploração excessiva desses recursos culturais, a perda de sua autenticidade e a fossilização das culturas, especialmente quando não há controle local ou mediação qualificada. Esses aspectos reforçam a importância de uma gestão sensível e sustentável, que respeite a natureza dos recursos culturais e promova experiências significativas sem comprometer os valores que as sustentam<sup>6</sup>.

Em síntese, o turismo cultural só é legítimo quando pertence a quem o vive, remunera quem o sustenta e é conduzido por quem o cria. Esses três pilares garantem que o turismo não seja apenas uma vitrine, mas uma prática de fortalecimento territorial, justiça cultural e transformação social.

Desse modo, nem todo destino cultural precisa de um centro histórico tombado ou de uma festa famosa. Às vezes, o que encanta é a simplicidade de um galpão produtivo, a sabedoria de um mestre local, a paisagem que carrega afetos. O que importa é a capacidade de transformar território em narrativa, visita em experiência, encontro em sentido. Um destino de turismo cultural não se inventa — se revela. E para revelá-lo, é preciso superar a síndrome da não vocação turística e **reler os lugares com olhos atentos**, descobrir sua fisionomia cultural — ou seja, as referências culturais que nele se encontram — e investir em escuta, sensibilidade e comunicação inteligente.

<sup>6</sup> BRITO, Marcelo. 2009. Ciudades Históricas como destinos patrimoniales. Una mirada comparada: España y Brasil. Junta de Andalucía/Consejería de Cultura/IAPH. Sevilla.

#### MARCELO BRITO

Arquiteto e urbanista, é Diretor da Patrimonium & Urbs, pesquisador do LETS/UnB – Laboratório de Estudos sobre Turismo e Sustentabilidade da Universidade de Brasília e ex-Diretor do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. É Doutor em Gestão Urbana pela Universidade Politécnica da Catalunha, em Barcelona, com Pós-doutorado em Patrimônio, Turismo e Desenvolvimento pela Universidade Complutense de Madri. Atualmente, é colunista da Coluna PATRIMÔNIO FUTURO da Revista Raízes & Rotas.

# VOZES DA CIDADE

## CUBATÃO: A CIDADE QUE RESISTE, RENASCE E REINVENTA SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

Cubatão não cabe em cartões-postais.

Ela se revela pelas memórias de quem a vive: o som das indústrias, o voo dos guarás, histórias que atravessam gerações.

A revista **Raízes & Rotas** ouviu essas vozes, não para explicar a cidade, mas para senti-la pelos olhos de quem a chama de casa.

O resultado é um retrato múltiplo, humano e verdadeiro desse ícone da Baixada Santista.

### **“Vencedora, porque resiste a tudo.”**

Para muitos cubatenses, a identidade da cidade está em sua capacidade de transformação.

Adalberto resume essa trajetória como o “**patinho feio que virou cisne**”, lembrando a transição simbólica do Vale da Morte para o Vale da Vida.

Mario Leite reforça a mesma percepção ao definir Cubatão em uma única palavra: “**Vencedora, porque resiste a tudo.**”

Cubatão ultrapassou estigmas e a memória coletiva sabe disso.

### **O coração que bate entre serra, rio e gente**

A relação entre natureza e indústria, tão particular da cidade, aparece com força nos relatos.

Para alguns moradores, estar em casa é reconhecer o **apito das indústrias**, para outros, é sentir o **cheiro da chuva** chegando pela serra.

Cubatão é natureza e é indústria. É água e é concreto. É encontro e é resistência.

### **Onde a história continua viva**

Vários entrevistados se emocionam ao citar lugares que já não existem mais: ruas, bares, clubes, coretos e que ainda vivem na memória coletiva.

A cidade se reconstrói, mas guarda seus traços nos detalhes cotidianos: o Bar do Seu Júlio, a Delegacia da antiga Rua 13 de Março, o Areião da Vila Nova, o Colégio Afonso Schmidt, o Casqueiro visto do píer.

E também nas tradições: as festas nordestinas, os blocos carnavalescos, a Paixão de Cristo, a Banda Marcial, as festas de bairro, a força do movimento cultural.

“**Cubatão é cultura em todas as suas formas — música, dança, teatro**”, resume Antônio Simões, com orgulho visível.

### **Pertencer: o sentimento que segura quem fica**

Quando perguntados sobre o que realmente diferencia Cubatão, muitos apontam para o mesmo ponto: o povo. Acolhedor, persistente, miscigenado e forte: um povo que aprendeu a reerguer a cidade e transformar dificuldades em potência.

“**Casa! Porque aqui todos chegam e ficam**”, resume Carlos Alberto Moraes.

Esse sentimento aparece nas memórias de infância, nas amizades que atravessam décadas e nas famílias que criam raízes profundas. Quem chega se mistura.



# Uma narrativa construída a partir das vozes que conhecem seus caminhos por dentro

Quem nasce, quase nunca vai embora. Há algo de magnético no território, um “enigma”, como descreve Antônio, que conecta, prende e transforma.

## Os segredos que só quem mora aqui conhece

Por trás das avenidas e do polo industrial, Cubatão guarda tesouros discretos: trilhas escondidas, cachoeiras que exigem saber o caminho, restaurantes locais, festas típicas, histórias contadas só entre moradores: Lagoa Azul, Cachoeira do Perequê, Vale dos Pilões, Trilha da Light, Quilombo, Bar do Cabeça, na Vila Esperança, Adega do Chico, Festas de bairro como Siri, Banana e Anos Dourados.

## O turista que Cubatão quer

A visão dos moradores sobre turismo é unânime: Cubatão tem potencial imenso ecológico, histórico, cultural, industrial e precisa ser visto além dos estigmas.

O turismo, para eles, é oportunidade: de emprego, de renda, de autoestima, de educação ambiental, de reconexão com sua própria história. Gente que queira vivenciar a cidade por dentro, não apenas passar por ela.

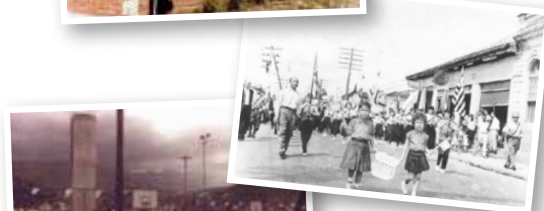
## O que fica, depois de ouvir

Depois de ouvir tantas vozes, Cubatão se revela assim: **uma cidade intensa, trabalhadora, sonhadora, acolhedora, resiliente — uma cidade que se reinventa todos os dias.**

É feita de memórias e de lutas, de natureza e indústria, de arte e suor, de passado e futuro entrelaçados.

Porque, como disse Antonio:

“Cubatão é uma cidade que tem história. Só vivendo de verdade aqui para entender.”



Fotos: Arquivo Histórico de Cubatão



Renato Ataláia

The background image shows the interior of a car. A person's hand is visible on the steering wheel. A smartphone is mounted on the dashboard, displaying a map. The car's rearview mirror and air vents are also visible. The text is overlaid on this image.

# Do litoral ao planalto descubra o que conecta a gente.

O Corredor Cultural: do Litoral ao Planalto nasce para revelar as histórias, paisagens e sabores que unem nossas cidades.

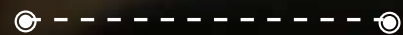
Um caminho para viver o que o nosso território tem de mais autêntico.

saiba mais em:  
[contato@forumbrasilturismocultural.com.br](mailto:contato@forumbrasilturismocultural.com.br)





**CORREDOR CULTURAL**



DO LITORAL AO PLANALTO

# 3ª EDIÇÃO FÓRUM BRASIL 2025

## FÓRUM BRASIL DE TURISMO CULTURAL REÚNE ESPECIALISTAS E EXPERIÊNCIAS NO MUSEU PELÉ, EM SANTOS

A 3ª Edição do Fórum Brasil de Turismo Cultural consolidou-se como um dos principais espaços de debate e reflexão sobre o papel do turismo cultural no desenvolvimento sustentável das cidades brasileiras. Realizado no Museu Pelé, no coração do Centro Histórico de Santos, o evento reuniu especialistas, gestores públicos, empreendedores criativos e representantes de instituições culturais de todo o país.

O cenário escolhido para esta edição não poderia ser mais simbólico: o Museu Pelé, instalado em um conjunto de casarões do século XIX que já abrigaram a antiga Câmara e Cadeia de Santos, é hoje um exemplo de restauro e preservação do patrimônio histórico. Após décadas em ruínas, o espaço foi cuidadosamente revitalizado, unindo passado e futuro em uma estrutura moderna que abriga acervo, exposições e experiências interativas sobre a trajetória do maior ídolo do futebol mundial — e sobre a própria história da cidade.

Ao longo dos dias de programação, o Fórum promoveu painéis temáticos que abordaram questões centrais para o setor, como Distritos Turísticos Culturais, Dinâmicas e Conexões de Mercado, Financiamento do Turismo Cultural e os Impactos Sociais e Econômicos gerados por iniciativas de valorização do patrimônio e da cultura. As discussões trouxeram exemplos de políticas públicas, estratégias de fomento e parcerias que vêm transformando o cenário do turismo cultural no Brasil. Além dos debates, a edição movimentou todo o Centro Histórico de Santos com visitas guiadas, exposições, experiências sensoriais e intervenções artísticas. Um dos momentos mais marcantes foi a apresentação teatral

“Porto de Santos: Nossos Berços, Nossas Histórias”, encenada nas ruas e praças do entorno, recontando a saga da construção e da transformação do Porto de Santos, um dos mais importantes da América Latina.

O encerramento aconteceu em grande estilo, com uma experiência cultural que transportou o público em uma viagem no tempo, revivendo a atmosfera histórica do Monte Serrat, antigo Cassino Monte Serrat, ícone da elegância e do entretenimento santista nas décadas de 1930 e 1940. Arte, história, música e memórias se entrelaçaram em uma experiência cultural que uniu o passado e o presente.

Mais do que um evento, o Fórum reafirma seu papel como plataforma de diálogo, reflexão e inspiração, conectando diferentes expressões da economia criativa, da gastronomia, da arquitetura, da música, da literatura e das artes plásticas.

Um espaço que celebra a diversidade cultural brasileira e reforça a importância do turismo como instrumento de transformação social, preservação da memória e construção de futuros mais sustentáveis.



Foto da obra de Renato Pinto



## **Santos, Porto Alegre e a construção de um país que reconhece seu patrimônio como futuro**

Em 2025, o Fórum Brasil de Turismo Cultural viveu um dos momentos mais marcantes de sua história recente. E esse movimento começou no Sul.

### **Porto Alegre: Onde o Debate Ganhou Corpo, Voz e Urgência**

Antes da edição nacional em Santos, o Fórum aportou em Porto Alegre, no dia 18 de setembro, inaugurando uma etapa repleta de reflexões necessárias sobre o futuro das cidades brasileiras.

Em meio à diversidade cultural da capital gaúcha expressa nos bairros históricos, museus, centros culturais e numa cena artística pulsante — o encontro reuniu especialistas, gestores públicos e agentes da economia criativa para discutir o papel dos **Distritos Turísticos e Distritos Turísticos Culturais**.

Ali, ficou evidente que a cultura não é apenas um elemento complementar da vida urbana: ela é um vetor estruturante. Um distrito cultural não nasce de um decreto, mas de vocações, memórias, conexões e do desejo coletivo de transformar espaços em territórios vivos.

Em Porto Alegre, o Fórum reafirmou que distritos bem estruturados:

- revitalizam centros históricos,
- fortalecem pequenas economias,
- estimulam o empreendedorismo criativo,
- geram pertencimento comunitário,
- e reposicionam cidades no cenário turístico e cultural.

O encontro deixou uma certeza: quando cultura, patrimônio e planejamento urbano caminham

juntos, nasce uma nova forma de desenvolvimento: mais humana, sustentável e capaz de criar oportunidades reais.

Essa energia seguiria viagem.



Centro Histórico, Porto Alegre

### **Santos – A 3ª Edição Nacional e a consolidação de um movimento**

Se Porto Alegre foi o impulso, Santos foi a afirmação. A 3ª Edição do Fórum Brasil de Turismo Cultural, realizada no Museu Pelé em outubro, consolidou o evento como um dos principais espaços de diálogo sobre turismo cultural no país.

Mais do que reunir especialistas, gestores e criadores no Museu Pelé, no Centro Histórico de Santos, ela revelou uma ideia maior: a consciência de que o turismo cultural não é apenas uma área do setor turístico — é uma força de transformação social, econômica e humana.

No cenário simbólico dos casarões restaurados que hoje abrigam o Museu Pelé, a história da cidade e a trajetória do maior atleta brasileiro se entrelaçaram para lembrar a todos que memória é futuro. Depois de décadas em ruínas, o museu renascido tornou-se o palco perfeito para discussões sobre políticas públicas, distritos turísticos culturais, financiamento e impacto social — temas que mostraram o quanto o país avança quando reconhece sua própria identidade.



Museu Pelé

Durante a programação, especialistas, gestores, empreendedores criativos e representantes de instituições culturais de diferentes regiões do Brasil mergulharam em temas essenciais: políticas públicas, financiamento, economia criativa, distritos culturais, impactos sociais e requalificação urbana.

Mas o Fórum ultrapassou as paredes do museu.

O Centro Histórico de Santos virou palco, roteiro e inspiração. Teve visitas guiadas, exposições, intervenções artísticas e a emocionante apresentação teatral “**Porto de Santos: Nosso Berço: Nossas Histórias**”, que levou o público a revisitar as camadas da construção do maior porto da América Latina.



Museu Porto



Outeiro de Santa Catarina



Museu do Café



## **Do Fórum nasce o Corredor Cultural: uma rota, muitos territórios, um só propósito que inspira projetos que conectam regiões inteiras!**

O encerramento no antigo Casino Monte Serrat foi transformado em uma imersão cultural que misturou história, música, arquitetura e memória e mostrou que o turismo cultural é, acima de tudo, experiência, afeto e conexão.



Will Rodrigues/Shutterstock

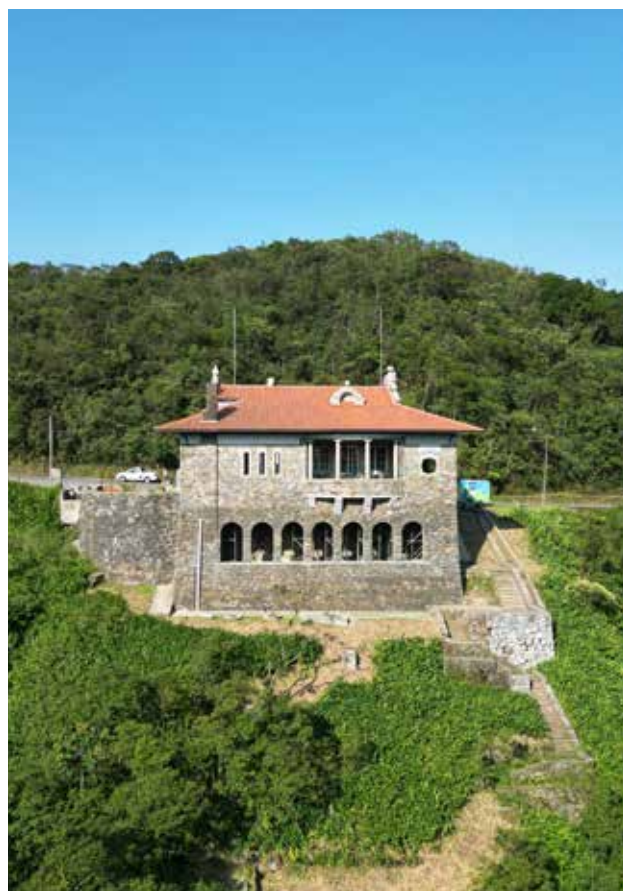
Monte Serrat

Foi desse movimento, dessa energia coletiva e desse entendimento compartilhado sobre o poder da cultura, que nasceu um dos mais promissores projetos já incubados dentro do Fórum Brasil de Turismo Cultural: O Corredor Cultural do ABC Paulista ao Litoral.

Mais do que uma rota, o Corredor é uma visão.

Uma forma de conectar histórias, patrimônio, comunidades e desenvolvimento entre cidades profundamente simbólicas na formação do Brasil: Santana de Parnaíba, Centro Histórico de São Paulo, Santo André, São Bernardo do Campo, Cubatão, Santos e São Vicente.

Cada município representa uma etapa da identidade nacional: dos caminhos dos bandeirantes às rotas do café, da industrialização paulista ao nascimento das vilas pioneiras do país.



diegooliveira.08/Shutterstock

Vista drone da Serra do Mar, Cubatão

## O Corredor Cultural propõe:

- integração regional;
- valorização do patrimônio histórico-cultural;
- fortalecimento da economia criativa;
- criação de novas experiências e produtos turísticos;
- requalificação urbana;
- envolvimento das comunidades em toda a cadeia do turismo.

A rota inclui centros históricos, patrimônios tombados, festas tradicionais, museus, festivais, pontos em-

blemáticos da Serra do Mar e os ancestrais Caminhos do Mar, reunindo natureza, história e cultura em um só movimento.

## Resultados esperados:

- novos negócios criativos,
- maior visibilidade para os municípios,
- fortalecimento da oferta turística,
- envolvimento comunitário,
- ações de educação patrimonial,
- redes de cooperação entre cidades.



O monumento Marco Padrão localizado na Praia do Gonzaguinha, em São Vicente, São Paulo.





Secom - Prefeitura de Santana de Paranaíba

Santana de Paranaíba

## Uma Jornada que continua

A etapa de Porto Alegre, a 3ª Edição Nacional em Santos e o nascimento do Corredor Cultural não são capítulos isolados: são o encadeamento natural de um Fórum que cresce ao mesmo tempo em que o país descobre a força transformadora de sua própria cultura. Porque turismo cultural não é apenas sobre visitar lugares. É sobre entender quem somos, valorizar nossas histórias e construir futuros mais humanos, prósperos e sustentáveis.

O Fórum Brasil de Turismo Cultural, hoje, não é apenas um encontro. É um movimento.

*Porque turismo cultural não é apenas sobre viajar. É sobre reconhecer quem somos, celebrar nossas histórias e construir futuros mais justos, humanos e sustentáveis.*

---

Selma Cabral

Turismólogo, Empresária e Consultora de Turismo. Escritora e articulista de diversos portais de turismo, é curadora de programação e autora de diversos projetos do Fórum Brasil de Turismo Cultural.

---









# TURISMO CULTURAL É SOBRE PESSOAS

Sobre histórias que resistem.

Saberes que inspiram.

Vidas que nos acolhem.

O Fórum Brasil de Turismo Cultural acredita no poder transformador do encontro, entre o viajante e o território, entre o passado e o amanhã.

Mais do que um evento, é um movimento por um turismo que reconhece o valor da identidade e da diversidade brasileira.



UM ESPAÇO ONDE O TEMPO SE REVELA E CADA PEÇA CONTA UMA HISTÓRIA.  
NA VILA JOÃO E MARIA, PASSADO E CONTEMPORÂNEO SE ENCONTRAM E O  
ENCANTO FLORESCE.



CONTATOS: 13 99209 7006 (WHATSAPP) | @VILAJOAOMARIA/